

da seca são determinados por sua ecologia. O ritmo ecológico divide o ano nuer em dois: a estação das chuvas, quando se vive em aldeias, e a estação da seca, quando se vive em acampamentos; e a vida de acampamento divide-se em duas partes: o primeiro período, de acampamentos pequenos e temporários, e o período final, de grandes concentrações em locais que são ocupados todos os anos.

5. A escassez de alimentos, uma tecnologia pobre, e a falta de comércio tornam os membros de grupos locais pequenos diretamente interdependentes e tendem a transformá-los em corporações econômicas e não meras unidades residenciais às quais se vincula um determinado valor político. As mesmas condições e o fato de se levar uma vida pastoril em circunstâncias adversas produzem uma interdependência indireta entre pessoas que vivem em áreas muito maiores e força a aceitação, por parte delas, de convenções de ordem política.

6. A antiga tendência para migrar, a transumância atual, e o desejo de reparar as perdas de gado através de saques contra os Dinka aumentam a importância política das unidades maiores do que as aldeias, porque estas não podem, por razões econômicas e militares, manter com facilidade de um isolamento auto-suficiente, e permitem-nos discutir o sistema político principalmente enquanto conjunto de relações estruturais entre segmentos territoriais maiores do que as comunidades das aldeias.

3. Tempo e Espaço

I

Neste capítulo, tornamos a examinar nossa descrição do interesse dos Nuer pelo gado e a descrição de sua ecologia, e faremos um relato de sua estrutura política. As limitações ecológicas e outras influenciam suas relações sociais, mas o valor atribuído às relações ecológicas é igualmente significativo para a compreensão do sistema social, que é um sistema dentro do sistema ecológico, parcialmente dependente deste e parcialmente existindo por direito próprio. Em última análise, a maioria — talvez todos — dos conceitos de espaço e tempo são determinados pelo ambiente físico, mas os valores que eles encarnam constituem apenas uma das muitas possíveis respostas a este ambiente e dependem também de princípios estruturais, que pertencem a uma ordem diferente de realidade. Neste livro não estamos descrevendo a cosmologia nuer mas sim suas instituições políticas e outras, e estamos, portanto, interessados principalmente na influência das relações ecológicas sobre essas instituições, mais do que na influência da estrutura social na conceitualização das relações ecológicas. Assim, para dar um exemplo, não descrevemos como os Nuer classificam os pássaros em várias linhagens, segundo o padrão de sua própria estrutura de linhagens. Este capítulo constitui, portanto, uma ponte entre as duas partes do livro, porém ela será atravessada numa só direção.

Ao descrever os conceitos nuer de tempo, podemos fazer uma distinção entre aqueles que são principalmente reflexos de suas relações com o meio ambiente — que chamaremos de

tempo ecológico — e os que são reflexos de suas relações mútuas dentro da estrutura social — que chamaremos de tempo estrutural. Ambos referem-se a sucessões de acontecimentos que possuem bastante interesse para que a comunidade os note e relacione, uns aos outros, conceitualmente. Os períodos maiores de tempo são quase que inteiramente estruturais, porque os acontecimentos que relacionam são mudanças no relacionamento de grupos sociais. Além disso, o cálculo do tempo baseado nas mudanças da natureza e na resposta do homem a elas limita-se a um ciclo anual e, portanto, não pode ser empregado para diferenciar períodos mais longos do que estações do ano. E, também, ambos possuem notações limitadas e fixas. As mudanças de estação e da lua repetem-se, ano após ano, de modo que um Nuer situado em qualquer ponto do tempo possui um conhecimento conceitual daquilo que está a sua frente e pode prever e organizar sua vida de acordo com ele. O futuro estrutural de um homem está, igualmente, já fixado e ordenado em diversos períodos, de modo que as mudanças totais de *status* por que passará um menino em sua ordenada passagem pelo sistema social — se viver bastante tempo — podem ser previstas. O tempo estrutural parece ser inteiramente progressivo para um indivíduo que passa através do sistema social, mas, como veremos, sob certo sentido, isso é uma ilusão. O tempo ecológico parece ser, e é, cíclico.

O ciclo ecológico é de um ano. Seu ritmo distintivo é o movimento para a frente e para trás de aldeias para acampamentos, que constitui a resposta dada pelo Nuer à dicotomia climática de chuvas e seca. O ano (*ruon*) tem duas estações principais, *tot* e *mai*. *Tot*, de meados de março a meados de setembro, corresponde grosseiramente ao aumento na curva de precipitação de chuvas, embora não abranja todo o período de chuvas. Pode haver chuvas fortes em fins de setembro e começo de outubro, e a região ainda está alagada nesses meses, que pertencem, não obstante, à metade *mai* do ano, pois ela começa no declinar das chuvas — não quando elas cessam — e abrange, digamos, a depressão da curva, de meados de setembro a meados de março. As duas estações, por conseguinte, apenas se aproximam de nossa divisão em chuvas e estiagem, e a classificação nuer resume de modo adequado a maneira de encarar o movimento do tempo, sendo o foco de atenção nos meses marginais tão significativo quanto as condições climáticas concretas. Em meados de setembro, o Nuer praticamente volta-se para a vida de pesca e acampamentos de gado e sente que a residência nas aldeias e a horticultura situam-se num tempo passado. Os Nuer começam a falar de acampamentos como se já estes existissem, e anseiam por começar a movimentar-se. Essa inquietação fica ainda mais marcada em fins da seca quando, observando os céus encobertos, as pessoas voltam-se para a vida nas

aldeias e fazem os preparativos para abandonar os acampamentos. Os meses marginais podem, portanto, ser classificados de *tot* ou *mai*, já que fazem parte de um conjunto de atividades, mas constituem presságios do outro conjunto, pois o conceito de estações deriva mais das atividades sociais do que das mudanças climáticas que as determinam, e o ano consiste para os Nuer num período de residência na aldeia (*cieng*) e em outro de residência no acampamento (*wec*).

Já observei as mudanças físicas significativas associadas às chuvas e à estiagem, e algumas delas foram apresentadas nas tabelas da p. 63. Também descrevi, no capítulo precedente, o movimento ecológico que se segue a essas mudanças físicas quando ele afeta de alguma maneira a vida do homem. As variações periódicas nas atividades sociais, nas quais se baseiam fundamentalmente os conceitos nuer de tempo, também já foram apontadas e registradas, sob seu aspecto econômico, com alguma extensão. Os aspectos principais desses três planos de ritmo — físico, ecológico e social — constam do diagrama da página seguinte.

Os movimentos dos corpos celestes além do Sol e da Lua, a direção e variação dos ventos e a migração de algumas espécies de pássaros são observados pelos Nuer, porém estes não regulam suas atividades em relação àqueles, nem os empregam como pontos de referência no cálculo do tempo periódico. Os aspectos pelos quais as estações são definidas com maior clareza são aqueles que controlam os movimentos das pessoas: água, vegetação, movimentos dos peixes, etc.; sendo as necessidades do gado e as variações no suprimento de alimentos que traduzem principalmente o ritmo ecológico para o ritmo social do ano, e o contraste entre o modo de vida no auge das chuvas e no auge da seca que fornece os pólos conceituais na contagem do tempo.

Além das duas estações principais, *tot* e *mai*, os Nuer reconhecem duas estações subsidiárias incluídas naquelas, que são os períodos de transição entre elas. As quatro estações não constituem divisões marcadas, mas, sim, sobrepõem-se. Assim como nós falamos de verão e inverno enquanto metades do ano e falamos também de primavera e outono, da mesma forma os Nuer adotam *tot* e *mai* enquanto metades de seu ano e falam também das estações *rwil* e *jiom*. *Rwil* é o período de mudança do acampamento para a aldeia, da preparação do solo e do plantio, que vai de meados de março a meados de junho, antes que as chuvas atinjam o auge. É contado como parte da metade *tot* do ano, embora contraste com o *tot* propriamente dito, que é o período de plena vida de aldeia e horticultura, que vai de meados de junho a meados de setembro. *Jiom*, que significa "vento", é o período em que o persistente vento do norte começa a soprar e as pessoas colhem o que plantaram, pescam nas re-

Maió Junho Julho Agosto Setembro Outubro Novembro Dezembro Janeiro Fevereiro Março Abril

C H U V A S E S T I A G E M

C H E I A D O S R I O S V A Z A N T E D O S R I O S

H O R T I C U L T U R A Q U E I M A D A C A

Preparação das hortas para o plantio de milho e sorgo (1a. safra) Colheita do milho Colheita da 1a. safra de sorgo

Preparação de hortas para o segundo plantio de sorgo Colheita da 2a. safra de sorgo

CONSTRUÇÃO E REPAROS

CAÇAR ANIMAIS E APANHAR FRUTOS SILVETRES

ESCASSEZ DE ALIMENTOS FARTURA DE ALIMENTOS

A L D E I A S A C A M P A M E N T O S

As pessoas As pessoas mais velhas mais jovens voltam as voltam as aldeias aldeias

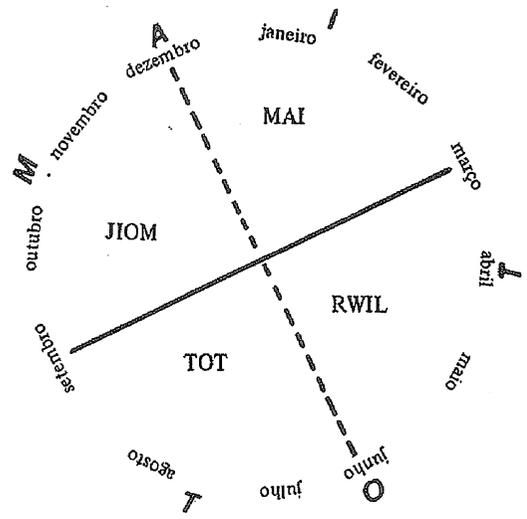
Pessoas mais jovens nos acampamentos

Todos estão nos acampamentos da estriagem

Cerimônias de casamento, iniciação, mortuárias e outras

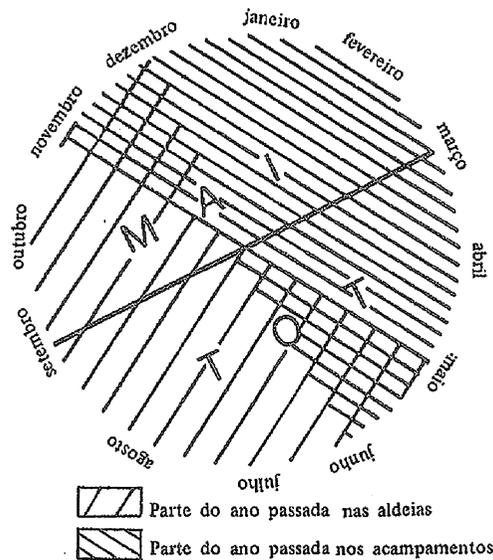
Epoca principal para saquear os Dinka

presas, fazem queimadas e formam os primeiros acampamentos, e abrange de meados de setembro a meados de dezembro. É contado como parte da metade *mai* do ano, embora contraste com o *mai* propriamente dito, que vai de meados de dezembro a meados de março, quando são formados os principais acampamentos. Em termos gerais, portanto, há duas estações principais de seis meses e quatro estações secundárias de três meses, mas não se deve considerar essas divisões com muita rigidez já que não são tanto unidades exatas de tempo, quanto vagas conceituações de mudanças nas relações ecológicas e nas atividades sociais que passam imperceptivelmente de um estado a outro.



No diagrama acima, a linha traçada de meados de março a meados de setembro constitui o eixo do ano, sendo uma aproximação de uma clivagem entre dois conjuntos opostos de relações ecológicas e atividades sociais, embora não corresponda inteiramente a estas, como se pode ver do diagrama abaixo, onde a vida na aldeia e a vida no acampamento são mostradas em relação às estações das quais constituem os pontos centrais. Os Nuer, especialmente os jovens, ainda ficam no acampamento durante parte do *tot* (a maior parte do *rwil*), e ainda ficam nas aldeias, especialmente os mais velhos, durante parte de *mai* (a maior parte de *jiom*), mas todos estão nas aldeias durante o *tot* propriamente dito e nos acampamentos durante o *mai* propriamente dito. Uma vez que as palavras *tot* e *mai* não são puras

unidades de contagem de tempo, mas fazem as vezes de amontoados de atividades sociais características do auge da seca e do auge das chuvas, pode-se ouvir um nuer dizer que ele vai "tot" ou "mai" em determinado lugar.



O ano tem doze meses, seis de cada estação principal, e a maioria dos Nuer adultos pode dizê-los em ordem. Na lista de meses abaixo, não foi possível relacionar cada nome nuer com um nome português, porque nosso calendário romano não tem nada a ver com os meses lunares. Poder-se-á ver, contudo, que cada mês nuer é abrangido normalmente pelos dois meses nossos que foram relacionados a ele na lista e tende, em geral, a coincidir mais com o primeiro do que com o segundo.

<i>teer</i>	set.—out.	<i>duong</i>	mar.—abr.
<i>lath (boor)</i>	out.—nov.	<i>gwaak</i>	abr.—maio
<i>kur</i>	nov.—dez.	<i>dwat</i>	maio—jun.
<i>tiop (in) dit</i>	dez.—jan.	<i>kornyuot</i>	jun.—jul.
<i>tiop (in) tot</i>	jan.—fev.	<i>paiyatni (paiyene)</i>	jul.—ago.
<i>pet</i>	fev.—mar.	<i>thoor</i>	ago.—set.

Os Nuer se veriam logo em dificuldades com seu calendário lunar se fossem contar uniformemente a sucessão de luas¹, mas há determinadas atividades associadas a cada mês, sendo a associação algumas vezes indicada pelo nome do mês. O calendário é uma relação entre um ciclo de atividades e um ciclo conceitual e os dois não podem ser isolados, já que o ciclo conceitual depende do ciclo de atividades do qual deriva seu sentido e função. Assim, um sistema de doze meses não afeta os Nuer, pois o calendário está ancorado ao ciclo de mudanças ecológicas. No mês de *kur*, faz-se as primeiras represas de pesca e forma-se os primeiros acampamentos de gado, e uma vez que se está fazendo essas coisas deve ser *kur* ou por volta desse mês. Da mesma forma, em *dwat* os acampamentos são desfeitos, voltando-se para as aldeias, e, se as pessoas estão movimentando-se, deve ser *dwat* ou algo assim. Conseqüentemente, o calendário permanece bastante estável e em qualquer seção da terra nuer há uma concordância geral quanto ao nome do mês em curso.

Pelo que pude ver, os Nuer não usam muito os nomes dos meses para indicar a época de algum acontecimento, mas, ao invés disso, referem-se geralmente a alguma atividade de destaque que está em processo na época de sua ocorrência; por exemplo, na época dos primeiros acampamentos, na época do casamento, na época da colheita, etc., e compreende-se facilmente porque o fazem, já que o tempo, para eles, consiste numa relação entre várias atividades. Durante as chuvas, freqüentemente emprega-se como ponto de referência os estágios do crescimento do sorgo e os cuidados tomados em seu cultivo. As atividades pastoris, sendo amplamente indiferençaadas através de meses e estações, não fornecem pontos adequados.

Não há unidades de tempo dentro do mês, dia e noite. As pessoas indicam a ocorrência de um acontecimento há mais de um dia ou dois fazendo referência a algum outro acontecimento que tenha ocorrido ao mesmo tempo ou contando o número dos "sonos" intercorrentes ou, o que é menos comum, dos "sóis". Existem termos para hoje, amanhã, ontem, etc., mas não possuem qualquer precisão. Quando os Nuer desejam definir a ocorrência de um acontecimento com vários dias de antecedência, tal como uma dança ou casamento, eles o fazem tomando como referência as fases da Lua: lua nova, quarto crescente, lua cheia, quarto minguante e a luminosidade do segundo quarto. Quando querem ser precisos, eles afirmam em qual noite do crescente ou minguante o acontecimento ocorrerá, calculando quinze noites para cada um e trinta para um mês. Afirmam que é somente o gado e os Anuak que podem ver a Lua durante seu

1. Existem evidências de que há um mês intercalado entre os Jikany do leste, mas não posso ser preciso nesse ponto, e não ouvi esse fato mencionado em outras partes da terra nuer.

período de invisibilidade. Os únicos termos que são aplicados à sucessão noturna de fases lunares são os que descrevem sua aparência imediatamente antes e durante sua plenitude.

O curso do Sol determina muitos pontos de referência, e uma maneira comum de indicar a época dos acontecimentos é apontando para a parte do céu que terá sido alcançada pelo Sol em seu curso. Há também várias expressões, que variam em grau de precisão, descrevendo as posições do Sol no céu, embora, pelo que pude constatar, as únicas que são empregadas usualmente são as que se referem aos movimentos mais nitidamente diferenciados: o primeiro albor da madrugada, o nascer do sol, o meio-dia e o pôr-do-sol. Talvez seja significativo que exista quase que o mesmo número de pontos de referência entre quatro e seis horas da manhã, quantos há para o resto do dia. Isso pode ser causado principalmente pelos contrastes notáveis causados pelas modificações nas relações da Terra com o Sol durante essas duas horas, mas pode-se notar também que os pontos de referência entre elas são usados mais para dirigir as atividades (tal como começar viagens, acordar, prender o gado no *kraal*, caçar gazelas, etc.), do que como pontos de referência durante a maior parte do restante do dia, especialmente no período calmo entre uma e três horas da tarde. Há também vários termos para descrever o tempo noturno. Até um ponto muito limitado, eles são determinados pelo curso das estrelas. Mais uma vez, existe aqui uma terminologia mais rica para o período de transição entre dia e noite do que para o resto da noite e pode-se sugerir as mesmas razões para explicar o fato. Há também expressões para distinguir o dia da noite, antes e depois do meio-dia, e a parte do dia que já passou da parte que está por vir.

Excetuando-se os termos mais comuns para divisões do dia, eles são pouco empregados em comparação com expressões que descrevem as atividades rotineiras diurnas. O relógio diário é o gado, o círculo de tarefas pastoris, e a hora do dia e a passagem do tempo durante o dia são para o Nuer, fundamentalmente, a sucessão dessas tarefas e suas relações mútuas. Os pontos melhor demarcados são: levar o gado do estábulo ao *kraal*, ordenhar, levar o rebanho adulto para o pasto, ordenhar cabras e ovelhas, levar o rebanho de ovelhas e os bezzeros ao pasto, limpar estábulos e *kraals*, trazer para casa as ovelhas e bezerras, trazer de volta o rebanho adulto, ordenhar as vacas à tarde e guardar os animais nos estábulos. Em geral, os Nuer empregam essas atividades, mais do que pontos concretos no movimento do Sol através do céu, para coordenar acontecimentos. Assim, um homem diz: "Eu voltarei para a ordenha", "Partirei quando os bezerras estiverem de volta", etc.

É claro que, em última análise, a contagem de tempo ecológico é totalmente determinada pelo movimento dos corpos

celestes, mas apenas algumas de suas unidades e notações baseiam-se diretamente nesses movimentos (por exemplo, meses, dia, noite e algumas partes do dia e da noite), e presta-se atenção e seleciona-se tais pontos somente porque são significativos para as atividades sociais. São as próprias atividades, notadamente as de tipo econômico, que constituem as bases do sistema e fornecem a maioria de suas unidades e notações, e a passagem do tempo é percebida na relação que uma atividade mantém com as outras. Já que as atividades dependem do movimento dos corpos celestes e que o movimento dos corpos celestes é significativo somente em relação às atividades, muitas vezes pode-se fazer referência a qualquer deles quando se indica a época de um acontecimento. Assim, pode-se dizer "na estação *jiom*" ou "no começo das chuvas", o "mês de *dwat*" ou "a volta às aldeias", "quando o sol esquenta" ou "na ordenha". Os movimentos dos corpos celestes permitem que os Nuer selecionem pontos naturais que são significativos em relação às atividades. Daí, no uso lingüístico, as noites, ou melhor, os "sonos", serem unidades de tempo definidas com maior clareza do que os dias, ou "sóis", porque são unidades indiferenciadas de atividade social; e os meses, ou melhor, as "luas", embora sejam unidades de tempo claramente diferenciadas, são pouco empregados como pontos de referência porque não são unidades de atividade claramente diferenciadas, enquanto que o dia, o ano e suas estações principais são unidades ocupacionais completas.

Pode-se tirar certas conclusões dessa qualidade que o tempo tem para os Nuer. O tempo não possui o mesmo valor durante todo o ano. Assim, nos acampamentos da estiagem, embora as tarefas pastoris quotidianas se desenrolem na mesma ordem do que nas chuvas, elas não ocorrem na mesma hora, constituem uma rotina mais precisa devido à severidade das condições da estação, especialmente no que diz respeito a água e pastos e exigem maior coordenação e cooperação. Por outro lado, a vida na estação da seca transcorre em geral sem acontecimentos marcantes, fora das tarefas rotineiras, e as relações ecológicas e sociais são mais monótonas de mês a mês do que nas chuvas, quando há frequentes festas, danças e cerimônias. Quando se considera o tempo enquanto relações entre atividades, compreende-se que ele tenha uma conotação diferente nas chuvas e na seca. Na seca, a contagem do tempo diário é mais uniforme e precisa, enquanto que a contagem lunar recebe menos atenção, como se pode constatar pelo uso mais reduzido dos nomes dos meses, pela menor confiança em dizer seus nomes, e pelo traço comum a toda a África do leste de tratar dois meses da estação da seca pelo mesmo nome (*tiop in dit* e *tiop in tot*), cuja ordem freqüentemente é trocada. O transcorrer do tempo pode variar de acordo com isso, já que a percepção do tempo é função dos sistemas de contagem do mesmo, mas não

podemos fazer qualquer afirmação definitiva quanto a essa questão.

Embora eu tenha falado em tempo e unidades de tempo, os Nuer não possuem uma expressão equivalente ao "tempo" de nossa língua e, portanto, não podem, como nós podemos, falar do tempo como se fosse algo de concreto, que passa, pode ser perdido, pode ser economizado, e assim por diante. Não creio que eles jamais tenham a mesma sensação de lutar contra o tempo ou de terem de coordenar as atividades com uma passagem abstrata do tempo, porque seus pontos de referência são principalmente as próprias atividades, que, em geral, têm o caráter de lazer. Os acontecimentos seguem uma ordem lógica, mas não são controlados por um sistema abstrato, não havendo pontos de referência autônomos aos quais as atividades devem se conformar com precisão. Os Nuer têm sorte.

Eles têm também meios muito limitados de calcular a duração relativa de períodos de tempo intercorrentes aos acontecimentos, já que têm poucas — e não bem definidas ou sistematizadas — unidades de tempo. Não tendo horas ou outras unidades pequenas de tempo, eles não podem medir os períodos que transcorrem entre posições do Sol ou atividades diárias. É verdade que o ano está dividido em doze unidades lunares, mas os Nuer não as contam como frações de uma unidade. Pode ser que eles possam afirmar em qual mês ocorreu um acontecimento, mas é com grande dificuldade que eles calculam a relação entre acontecimentos em símbolos numéricos abstratos. Eles pensam com muito maior facilidade em função das atividades e de sucessões de atividades e em função da estrutura social e das diferenças estruturais do que em unidades puras de tempo.

Podemos concluir que o sistema nuer de contagem de tempo dentro do ciclo anual e das partes do ciclo consiste numa série de concepções das mudanças naturais e que a seleção de pontos de referência é determinada pela significação que essas mudanças naturais têm para as atividades humanas.

II

Num certo sentido, todo o tempo é estrutural, já que é uma ideação de atividades colaterais, coordenadas ou cooperativas: os movimentos de um grupo. De outra forma, conceitos desse tipo não poderiam existir, pois é preciso que tenham um significado semelhante para cada membro do grupo. A hora da ordenha e a hora das refeições são aproximadamente as mesmas para todas as pessoas que normalmente mantêm contatos mútuos, e o movimento de aldeias para acampamentos possui aproximadamente a mesma conotação em todas as partes do terri-

II. XIII

Jovem numa roça de sorgo (Dok).



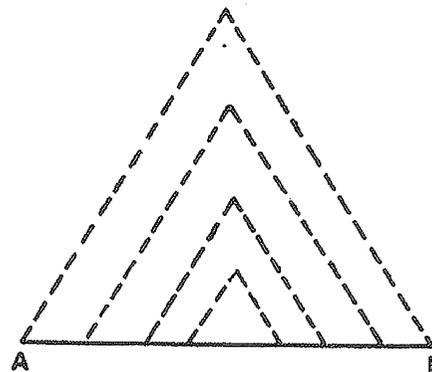
tório nuer, embora possa ter uma conotação especial para um determinado grupo de pessoas. Existe, contudo, um ponto onde podemos dizer que os conceitos de tempo cessam de ser determinados por fatores ecológicos e tornam-se mais determinados pelas inter-relações estruturais, não sendo mais um reflexo da dependência do homem da natureza, mas um reflexo da interação de grupos sociais.

O ano é a maior unidade de tempo ecológico. Os Nuer possuem palavras para o ano retrasado, o ano passado, este ano, o ano que vem e o ano depois desse. Acontecimentos ocorridos nos últimos anos são, então, os pontos de referência na contagem de tempo, e tais pontos são diferentes segundo o grupo de pessoas que os emprega: família reunida, aldeia, seção tribal, tribo, etc. Uma das maneiras mais comuns de dizer o ano de um acontecimento é mencionar o lugar onde as pessoas da aldeia fizeram o acampamento da estiagem, ou fazer referência a alguma desgraça que aconteceu ao gado. Uma família reunida pode calcular o tempo pelo nascimento de bezerras de seus rebanhos. Casamentos e outras cerimônias, lutas e pilhagens, podem, igualmente, fornecer pontos do tempo, embora, à falta de datas numéricas, ninguém possa dizer sem fazer longos cálculos há quantos anos aconteceu um fato. Além disso, uma vez que o tempo é para os Nuer uma ordem de acontecimentos de significação importante para um grupo, cada grupo possui seus próprios pontos de referência, e o tempo é, em conseqüência, relativo ao espaço estrutural, considerado em termos de localidade. Isso se torna óbvio quando examinamos os nomes dados aos anos pelas diversas tribos, ou algumas vezes por tribos adjacentes, pois consistem em inundações, epidemias de peste, fome, guerras, etc., por que a tribo passou. Com o decurso do tempo, os nomes dos anos são esquecidos e todos os acontecimentos além dos limites dessa contagem histórica grosseira desfazem-se no horizonte enevoado do faz muito, muito tempo. O tempo histórico, neste sentido de seqüência de acontecimentos notáveis de significação para uma tribo, afasta-se no tempo muito mais para trás do que o tempo histórico de grupos menores, mas é provável que cinquenta anos seja seu limite, e, quanto mais afastado do dia de hoje, mais esparsos e vagos tornam-se seus pontos de referência.

Os Nuer, entretanto, possuem outra maneira de indicar de modo grosseiro quando os fatos ocorreram; não em número de anos, mas em referência ao sistema de conjuntos-etários. A distância entre acontecimentos cessa de ser calculada em termos de tempo, tais como nós o compreendemos, e é calculada em termos de distância estrutural, sendo a relação entre grupos de pessoas. É, portanto, inteiramente relativo à estrutura social. Assim, um Nuer pode dizer que um acontecimento ocorreu depois que o conjunto etário *Thut* nasceu ou no período de iniciação do con-

junto etário *Boiloc*, mas ninguém pode dizer há quantos anos aconteceu. O tempo é, aqui, calculado em conjuntos. Se um homem do conjunto *Dangunga* disser que um acontecimento ocorreu no período de iniciação do conjunto *Thut*, ele está dizendo que aconteceu três conjuntos antes do seu, ou há seis conjuntos. O sistema de conjuntos etários será discutido no Cap. 6. Por enquanto, é preciso dizer apenas que não podemos traduzir com precisão a contagem de conjuntos para uma contagem em anos, mas podemos estimar de modo grosseiro um intervalo de dez anos entre o começo de conjuntos sucessivos. Existem seis conjuntos em existência, os nomes dos conjuntos não são cíclicos e a ordem dos conjuntos extintos — exceto o último — é logo esquecida, de modo que a contagem por conjuntos etários possui sete unidades que abrangem um período de algo menos do que um século.

O sistema estrutural de contagem de tempo consiste parcialmente na seleção de pontos de referência que sejam significativos a grupos locais e que forneçam a esses grupos uma história comum e distinta; parcialmente na distância entre conjuntos específicos no sistema de conjuntos etários; e parcialmente nas distâncias de uma ordem de parentesco e linhagem. Quatro graus de geração (*kath*) no sistema de parentesco são relações lingüisticamente diferenciadas, avô, pai, filho e neto, e, dentro de um pequeno grupo de parentesco, esses relacionamentos fornecem profundidade temporal aos membros do grupo e pontos de referência numa linha ascendente pelos quais seus relacionamentos são determinados e explicados. Qualquer relacionamento de parentesco precisa ter um ponto de referência numa linha de ascendentes, ou seja, um ancestral comum, de modo que tal relacionamento sempre possui uma conotação temporal abrigada em termos estruturais. Além do alcance do sistema de



parentesco nesse sentido estrito, a conotação vem expressa em termos do sistema de linhagens. Como esse tema será tratado no Cap. 5, limitaremos nossa discussão a um comentário explicativo do diagrama da p. 119. A base do triângulo representa um dado grupo de agnatos e as linhas pontilhadas representam seus ancestrais, e correm da base para um ponto da estrutura de linhagem, ponto que é o ancestral comum de todos os membros do grupo. Quanto mais estendermos a amplidão do grupo (tanto mais larga fica a base), mais para trás na estrutura de linhagens encontra-se o ancestral comum (quanto mais longe da base estiver o vértice do triângulo). Os quatro triângulos são assim as profundidades temporais de quatro extensões de relacionamento agnático num plano existencial e representam as linhagens mínima, menor, maior e máxima de um clã. O tempo da linhagem é, assim, a distância estrutural entre grupos de pessoas na linha AB. O tempo estrutural, portanto, não pode ser compreendido enquanto não se sabe qual a distância estrutural, já que é reflexo desta, e devemos, por conseguinte, pedir ao leitor que desculpe uma certa falta de clareza neste ponto e que reserve suas críticas até que tenhamos tido uma oportunidade de explicar com maior clareza o que se quer dizer com distância estrutural.

Restringimos nossa discussão sobre os sistemas nuer de contagem de tempo, e não levamos em consideração a maneira pela qual um indivíduo percebe o tempo. O assunto está cheio de dificuldades. Assim, um indivíduo pode calcular a passagem do tempo em referência à aparência física e ao *status* de outros indivíduos e às mudanças em sua própria vida, mas tal método de contagem do tempo não possui uma ampla validade coletiva. Confessamos, contudo, que as observações feitas por nós sobre o assunto foram superficiais e que uma análise mais completa está além de nossa capacidade. Indicamos meramente os aspectos do problema que estão diretamente relacionados com a descrição anterior dos modos de vida e com a descrição a seguir das instituições políticas.

Já observamos que o movimento do tempo estrutural é, em certo sentido, uma ilusão, pois a estrutura permanece bastante constante e a percepção do tempo não é mais do que o movimento de pessoas, freqüentemente enquanto grupos, através da estrutura. Assim, os conjuntos etários sucedem-se uns aos outros para sempre, mas jamais há mais de seis existindo ao mesmo tempo e as posições relativas ocupadas por esses seis conjuntos são, a todo momento, pontos estruturais fixos através dos quais passam conjuntos reais de pessoas em eterna sucessão. Da mesma forma, por razões que explicamos mais adiante, o sistema nuer de linhagens pode ser considerado como um sistema fixo, havendo um número constante de graus entre pessoas vivas e o fundador do clã, e tendo as linhagens uma posição de paren-

tesco constante umas com as outras. Seja qual for o número de gerações que se segue umas às outras, a profundidade e amplidão das linhagens não aumenta a menos que haja mudanças estruturais. Essas afirmações serão discutidas com maiores detalhes nas pp. 206-207-208.

Além dos limites do tempo histórico, encontramos um plano de tradição no qual se pode supor que um certo elemento do fato histórico tenha sido incorporado num complexo de mitos. Aqui os pontos de referência são os pontos estruturais que já apontamos. Uma das extremidades desse plano funde-se com a história; a outra, com o mito. A perspectiva temporal não é aqui uma impressão verdadeira de distâncias reais como a que é criada por nossa técnica de datar, mas sim um reflexo de relações entre linhagens, de modo que os fatos tradicionais registrados têm de ser colocados nos pontos para onde convergem as linhagens que lhes dizem respeito em suas linhas de ascendência. Os fatos têm, por conseguinte, uma posição na estrutura, mas nenhuma posição no tempo histórico, da maneira como nós o entendemos. Além da tradição, situa-se o horizonte do mito puro, que é sempre visto na mesma perspectiva temporal. Um fato mitológico não precede outro, pois os mitos explicam costumes de significado social geral, mais do que as inter-relações entre segmentos determinados, e não são, portanto, estruturalmente estratificados. Explicações de quaisquer qualidades da natureza ou da cultura são extraídas desse ambiente intelectual, que impõe limitações ao mundo nuer, tornando-o fechado sobre si mesmo e inteiramente inteligível para os Nuer no relacionamento de suas partes. O mundo, os povos e as culturas existem, todos, juntos, a partir do mesmo passado remoto.

Ter-se-á notado que a dimensão temporal nuer é pouco profunda. A história termina há um século e a tradição, medida generosamente, leva-nos para trás apenas dez a doze gerações na estrutura de linhagem, e, se estivermos certos ao supor que a estrutura de linhagem jamais cresce, segue-se que a distância entre o começo do mundo e o dia de hoje permanece inalterável. O tempo, assim, não é um contínuo, mas um relacionamento estrutural constante entre dois pontos, a primeira e a última pessoa numa linha de descendência agnática. A pouca profundidade do tempo nuer pode ser avaliada pelo fato de que a árvore sob a qual começou a existir a humanidade ainda estava de pé, na região ocidental da terra nuer, há alguns anos!

Além do ciclo anual, a contagem do tempo é uma concepção da estrutura social, e os pontos de referência são uma projeção no passado de relações concretas entre grupos de pessoas. Ele não é tanto um meio de coordenar acontecimento, quanto de coordenar relacionamentos e consiste, portanto, nota-

damente em olhar-se para trás, já que os relacionamentos têm de ser explicados em termos de passado.

III

Concluimos que o tempo estrutural é um reflexo da distância estrutural. Nas seções seguintes, definiremos com maiores detalhes aquilo que queremos dizer por distância estrutural e faremos uma classificação formal, preliminar, dos grupos territoriais nuer de tipo político. Já classificamos as categorias socio-temporais dos Nuer. Classificamos agora suas categorias sócio-espaciais.

Se alguém voasse sobre a terra dos Nuer, veria — como na II. XVI, tirada pela Real Força Aérea na estação da seca — manchas brancas com o que parece pequenos fungos sobre elas. São as localizações das aldeias, com choupanas e estábulos. Veria que, entre tais manchas, há trechos de marrom e preto, sendo o marrom a relva e o preto depressões que ficam pantanosas nas chuvas; e que as manchas brancas são maiores e mais frequentes em algumas regiões do que em outras. Verificamos que os Nuer dão a essas distribuições determinados valores que compõem sua estrutura política.

Seria possível medir a distância exata entre choupana e choupana, aldeia e aldeia, área tribal e área tribal, e assim por diante, e o espaço ocupado por cada uma. Isso nos forneceria uma relação de medidas espaciais apenas em termos físicos. Em si mesma, ela teria uma significação muito limitada. O espaço ecológico é mais do que a mera distância física, embora seja afetado por ela, pois também é calculado por meio do caráter da região que se situa entre grupos locais e por meio da relação dessa região com as exigências biológicas de seus membros. Um rio largo divide duas tribos nuer de modo mais nítido do que muitos quilômetros de mato abandonado. A mesma distância que parece pequena na estação da seca possui aparência diversa quando a área está alagada pelas chuvas. Uma comunidade de aldeia que tem água permanente por perto está em posição diversa da que tem de viajar na estação da seca a fim de obter água, pastos e peixes. Um cinturão de tsé-tsé cria uma barreira insuperável, dando ampla distância ecológica entre as pessoas que separa (p. 144) e, da mesma forma, a presença ou ausência de gado dos povos vizinhos determina a distância ecológica entre estes e os Nuer (pp. 143-4). A distância ecológica, nesse sentido, é uma relação entre comunidades definida em termos de densidade e distribuição, e com referência a água, vegetação, vida animal e de insetos e assim por diante.

A distância estrutural é de ordem muito diversa, embora sempre seja influenciada e, em sua dimensão política, ampla-

mente determinada pelas condições ecológicas. Por distância estrutural queremos dizer, conforme apontamos na seção anterior, a distância entre grupos de pessoas dentro de um sistema social, expressa em termos de valores. A natureza da região determina a distribuição das aldeias e, por conseguinte, a distância entre elas, porém os valores limitam e definem a distribuição em termos estruturais e fornecem um conjunto diferente de distância. Uma aldeia nuer pode estar equidistante de outras duas aldeias, mas, se uma destas duas pertencer a uma tribo diferente daquela a que pertence a primeira aldeia, pode-se dizer que ela está estruturalmente mais distante da primeira aldeia do que da última, que pertence à mesma tribo. Uma tribo nuer que está separada de outra tribo nuer por quarenta quilômetros está, estruturalmente, mais próxima desta do que de uma tribo dinka da qual está separada por apenas vinte quilômetros. Quando abandonamos os valores territoriais e falamos de linhagens e conjuntos etários, o espaço estrutural é menos determinado pelas condições do meio ambiente. Uma linhagem está mais próxima de outra do que uma terceira. Um conjunto etário está mais próximo de outro do que um terceiro. Os valores atribuídos à residência, parentesco, linhagem, sexo e idade diferenciam grupos de pessoas através da segmentação, e as posições relativas que os segmentos ocupam uns em relação aos outros fornecem uma perspectiva que nos permite falar das divisões entre eles como divisões do espaço estrutural. Tendo definido o que se quer dizer por espaço estrutural, podemos agora passar a uma descrição de suas divisões políticas.

IV

Devido à falta de estatísticas populacionais adequadas (ver p. 130) e registros de levantamentos, não podemos apresentar um mapa que mostre a densidade das diversas tribos, contudo podemos apenas fazer uma estimativa grosseira para a terra nuer como um todo. Jackson diz que a área a leste do Nilo atinge o equivalente a uns 67000 km², e censos recentes dão sua população em aproximadamente 144000 pessoas, ou seja, mais ou menos 2,1 habitantes por km². A área a oeste do Nilo não é menos habitada e possivelmente possui uma densidade menor. A área total do território nuer é provavelmente de uns 78000 km² e a população total gira em torno de 200000 pessoas. Podemos estimar que a densidade tribal varia provavelmente entre 1,5 e 4 habitantes por km² e que a distribuição média para toda a terra nuer é de 2 a 2,3 habitantes por km². Tendo em vista as condições hidrológicas da região e a atual economia do povo, pode-

-se duvidar que ela possa suportar uma população muito maior do que a atual. Isso se aplica particularmente à região a oeste do Nilo, e é provável — conforme os próprios Nuer sugerem — que sua expansão para o leste tenha sido devida à superpopulação. É possível que a concentração local seja muito grande apesar da baixa densidade das áreas tribais, pois as estimativas da quilometragem quadrada incluem vastas extensões de terra destituída de aldeias e acampamentos, que é usada como pasto na estiagem ou meramente atravessada na movimentação anual periódica. O grau de densidade real, nesse sentido, varia de tribo para tribo e de seção tribal para seção tribal, e também de estação para estação.

Não posso situar essas distribuições de modo mais acurado do que os mapas das pp. 67-69-71 e somente posso apontá-las, verbalmente, nos termos mais genéricos. Como vimos, o tamanho de uma aldeia depende do espaço disponível para construções, pastagens e horticultura, e as casas estão dispostas num bloco ou numa fila de acordo com esse espaço, formando, na maioria das aldeias, pequenos agrupamentos de choupanas e estábulos aos quais damos o nome de aldeolas, cada uma separada das vizinhas por hortas e terra não cultivada onde pastam bezerras, ovelhas e cabras. A população de uma aldeia — não podemos fazer afirmações precisas — pode variar de cinquenta até várias centenas de pessoas e pode abranger desde umas poucas centenas de metros até vários quilômetros. Uma aldeia em geral está bem demarcada pela contigüidade das casas e pelos trechos de mato, floresta ou pântano que a separam das aldeias circunvizinhas. Pelo pouco que pude ver, na maior parte da terra nuer pode-se andar de oito a trinta quilômetros entre uma aldeia e outra. Com certeza é o que acontece na parte ocidental do território nuer. Por outro lado, onde a natureza do solo permite, as aldeias podem estar muito mais próximas e seguir-se, umas às outras, com intervalos pequenos, por amplas áreas. Assim, a maior parte dos Lou está concentrada a cinquenta quilômetros do Muot Tot, a maior parte dos Dok a quinze quilômetros do Ler, enquanto que os Lak, Thiang e parte dos Gaawar espalham-se de modo bastante contínuo por uma faixa larga entre o Nilo e o Zeraf. As aldeias estão sempre ligadas às vizinhas por trilhas criadas e mantidas pelo inter-relacionamento social. Por toda a terra dos Nuer há também grandes áreas, alagadas nas chuvas, com poucas, ou nenhuma aldeia. As partes das áreas tribais deixadas em branco ou sombreadas a fim de mostrar a ocupação durante a estiagem, que constam dos diagramas, apresentam poucos, e muitas vezes nenhum, locais adequados para aldeias, e, na região ocidental da terra dos Nuer, toda a área entre o Nilo e o Bahr el Ghazal está muito raramente pontilhada de pequenas aldeias; provavelmente o mesmo se aplica à região ao norte do Bahr el Ghazal.

Sou forçado a descrever a distribuição dos acampamentos da estação da seca de modo tão impreciso quanto a distribuição das aldeias. Os primeiros acampamentos podem ser encontrados quase que em qualquer parte e muitas vezes abrangem somente algumas moradias; pode-se saber, contudo, qual a localização dos acampamentos maiores, formados quando a estação já está mais avançada, porque existem somente alguns poucos lugares onde há água bastante. O tamanho daqueles depende principalmente da quantidade de água e de pastos, e sua população varia de cerca de uma centena a vários milhares de pessoas. Essas concentrações jamais são tribais, mas compreendem seções tribais maiores ou menores. Em volta de um lago, um acampamento pode estar distribuído em várias seções, distanciadas por algumas poucas centenas de metros; ou então pode-se falar de acampamentos contíguos. Em qualquer acampamento há sempre alguns abrigos contra o vento que são adjacentes ou que quase se tocam, e muitas vezes pode-se ver de imediato que tal grupo constitui uma unidade distinta com sua própria seção do *kraal* comum. Ao longo da margem esquerda do Sobat e da direita do Baro, pode-se observar acampamentos quase que em toda parte, separados uns dos outros por apenas uns poucos quilômetros; mas em riachos, tais como o Nyanding e o Filus, onde permanecem apenas poças isoladas de água, os acampamentos estão separados por vários quilômetros. Alguns grandes acampamentos no interior da região dos Lou encontram-se separados por mais de trinta quilômetros de mato.

Correm grandes rios pela terra dos Nuer, e frequentemente são essas fronteiras naturais que indicam as linhas da divisão política. O Sobat separa a tribo gaajok da tribo lou; o Pibor separa a tribo lou do povo anuak; o Zeraf separa os Thiang e os Lak dos Dinka; o Ghazal separa a seção primária *kartual*, da tribo leek, de suas outras duas seções primárias; etc. Da mesma forma, pântanos e áreas que ficam alagadas nas chuvas separam grupos políticos. Os pântanos de Macar dividem os Gaajak orientais dos Gaajok e Gaagwang; trechos inundados dividem, nas chuvas os Rengyan dos Wot, Bor, etc.; e assim por diante.

Esse rol da distribuição é inevitavelmente pouco preciso, porém as condições principais e sua significação podem ser facilmente resumidas. 1. As condições físicas que são responsáveis pela escassez de alimentos e também uma tecnologia simples provocam uma baixa densidade e uma distribuição esparsa das áreas de fixação. A falta de coesão política e de desenvolvimento pode ser relacionada com a densidade e distribuição dos Nuer, e, além do mais, em termos gerais, sua simplicidade estrutural também pode ser devida às mesmas condições. 2. O tamanho dos trechos de terreno mais elevado e as distâncias entre eles permitem, em algumas partes da terra nuer, uma concentração

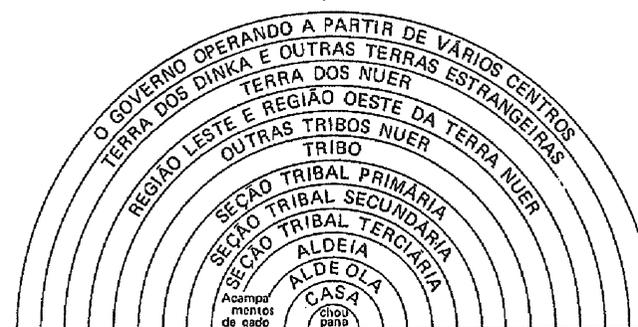
maior e mais compacta do que em outras. Nas tribos maiores, muitas vezes, uma grande população é forçada, pela natureza da região, a construir suas casas dentro de um pequeno raio. 3. Onde há relativamente grande densidade de população nas chuvas, existe também a tendência a haver maior necessidade, na estiação, de mudanças prematuras e distantes para novos pastos. Essa necessidade força ao reconhecimento de um valor tribal comum por grandes áreas e permite-nos compreender melhor como é que, apesar de uma necessária falta de coesão política entre as tribos, elas freqüentemente possuem uma população tão grande e ocupam um território tão vasto.

V

Já notamos que a distância estrutural é a distância entre grupos de pessoas na estrutura social e que ela pode ser de diferentes tipos. Aqueles que nos interessam no presente relato são a distância política, a distância de linhagem e a distância de conjunto etário. A distância política entre aldeias de uma seção tribal terciária é menor do que a distância entre segmentos terciários de uma seção tribal secundária, e esta é menor do que a distância entre segmentos secundários de uma seção tribal primária, e assim por diante. Isso será tratado no Cap. 4. A distância de linhagem entre segmentos de uma linhagem menor é menor do que a distância entre segmentos menores de uma linhagem maior, e esta é menor do que a distância entre segmentos maiores de uma linhagem máxima, etc. Isso será tratado, por sua vez, no Cap. 5. A distância de conjunto etário entre segmentos de um conjunto etário é menor do que a distância entre conjuntos etários sucessivos e esta é menor do que a distância entre conjuntos etários que não são sucessivos. Isso será tratado no Cap. 6. Como desejamos desenvolver nossa argumentação e, portanto, evitar análises que não permitam ao leitor fazer referência a afirmações já feitas, passaremos a considerar imediatamente apenas a distância política e apenas algumas de suas características.

Os Nuer dão valores às distribuições locais. Poder-se-ia pensar que é fácil descobrir quais são esses valores, mas, uma vez que estão incorporados em palavras, não se pode compreender seu alcance de referência sem um conhecimento considerável da linguagem do povo e da maneira como esta é usada, porquanto os significados variam de acordo com a situação social e uma palavra pode referir-se a uma variedade de grupos locais. Não obstante isso, é possível diferenciá-los e fazer uma grosseira classificação formal deles, tal como fizemos no diagrama da página seguinte.

Uma única choupana (*dwil* ou *ut*) é ocupada por uma esposa e seus filhos e, ocasionalmente, pelo marido. Eles cons-



Categorias sócio-espaciais dos Nuer

tituem um grupo familiar residencial simples. A casa, consistente em um estábulo e choupanas, pode conter um único grupo familiar ou uma família polígama e muitas vezes há também um ou outro parente vivendo lá. Esse grupo, que chamamos de agrupamento doméstico, freqüentemente é chamado de *gol*, palavra que significa "lareira" (*hearth*). Uma aldeola com hortas e terras incultas em torno é chamada de *dhor*, e cada uma possui um nome especial, muitas vezes derivado de algum marco no solo ou do nome do parente mais velho que vive nela. Uma aldeiola é ocupada geralmente por parentes agnatos próximos, muitas vezes irmãos, e seus agrupamentos domésticos, e chamamos esse grupo de pessoas de uma família reunida. Como esses grupos não são abordados em nosso relato, não falaremos mais deles. Deve-se lembrar, contudo, que uma aldeia não é uma unidade não segmentada, mas sim uma relação entre várias unidades menores.

A aldeia é uma unidade muito diferenciada. Algumas vezes é chamada de *thur*, trecho de solo elevado, mas em geral é chamada de *cieng*, palavra que pode ser traduzida como "lar", "casa", mas que possui tal variedade de significados que dedicaremos a ela atenção especial. Uma aldeia compreende uma comunidade, vinculada pela residência comum e por uma rede de parentesco e laços de afinidades, cujos membros, como já vimos, formam um acampamento comum, cooperam em muitas atividades e fazem as refeições nos estábulos e abrigos contra o vento dos outros. Uma aldeia é o menor grupo nuer que não é especificamente de ordem de parentesco e é a unidade política da terra dos Nuer. As pessoas de uma aldeia têm um forte sentimento de solidariedade contra outras aldeias e grande afeição



Fig. 11 — Lanças de chifre e ébano.

por sua localidade, e, apesar dos hábitos nômades dos Nuer, as pessoas que nasceram e cresceram em uma aldeia sentem saudades dela e provavelmente voltarão para lá e farão ali suas casas, mesmo quando residiram em outros lugares por muitos anos. Os membros de uma aldeia lutam lado a lado e apóiam-se mutuamente nas contendas. Quando os rapazes de uma aldeia vão às danças, eles entram na dança formando uma fileira de guerra (*dep*), cantando sua canção de guerra especial.

Um acampamento de gado, que as pessoas de uma aldeia formam durante a estiagem e do qual participam membros de aldeias vizinhas, é chamado de *wec*. Enquanto essa palavra significa "acampamento" quando em oposição a *cieng*, "aldeia", ambas as palavras são usadas no mesmo sentido geral de comunidade local. Assim, quando se diz que um determinado clã não tem *wec*, devemos compreender que ele, em parte alguma de uma seção tribal ou aldeia, forma um núcleo dominante da comunidade e que, portanto, nenhuma comunidade local adota seu nome. Um grande acampamento recebe um nome de acordo com a linhagem que predomina nele e segundo a comunidade da aldeia que o ocupa, e pequenos acampamentos algumas vezes recebem o nome de um ancião de importância que ali tenha construído seu abrigo contra o vento. Vimos que a composição social de um acampamento varia em épocas diferentes da estiagem, desde as pessoas de uma aldeola até as pessoas de toda uma aldeia ou de aldeias vizinhas, e que os homens algumas vezes acampam com parentes que vivem em acampamentos diversos daquele de sua própria aldeia. Conseqüentemente, enquanto que as comunidades locais na chuva tendem a ser também comunidades locais na estiagem, sua composição pode ser algo diferente. Novamente ressaltamos que não só as pessoas de um acampamento vivem num grupo mais compacto do que as pessoas de uma aldeia, mas também que na vida do acampamento há contatos mais freqüentes entre seus membros e maior coordenação de suas atividades. O gado é pastoreado em conjunto, ordenhado ao mesmo tempo, etc. Numa aldeia, cada agrupamento familiar cuida de seu próprio gado, se é que chega a ser formado um rebanho, e desempenha suas tarefas domésticas e no *kraal* independentemente e em horas diferentes. Na estiagem, há uma crescente concentração e maior uniformidade em resposta à maior severidade da estação.

Algumas vezes falamos em "distrito" para descrever um agregado de aldeias ou acampamentos que se comunicam fácil e freqüentemente entre si. As pessoas dessas aldeias participam das mesmas danças, casam-se entre si, executam vendetas, fazem expedições de saque conjuntas, partilham dos acampamentos da estiagem ou fazem acampamentos na mesma localidade, etc. Esse agregado indefinido de contatos não constitui uma categoria ou grupo político nuer, porque as pessoas não

vêm a si mesmas, nem são vistas pelas demais, como uma comunidade única, mas "distrito" é um termo que empregamos para denotar a esfera de contatos sociais de um homem ou dos contatos sociais das pessoas de uma aldeia e é, portanto, relativo à pessoa ou comunidade da qual se fala. Um distrito, nesse sentido, tende a corresponder a um segmento tribal terciário ou secundário, de acordo com o tamanho da tribo. Nas tribos menores, toda uma tribo constitui o distrito de um homem, e um distrito pode mesmo atravessar os limites tribais pois, numa tribo grande, uma aldeia de fronteira pode ter mais contatos com as aldeias vizinhas de outra tribo do que com aldeias distantes de sua própria tribo. A esfera dos contatos sociais de um homem pode, então, não coincidir inteiramente com qualquer divisão estrutural.

Várias aldeias adjacentes, variando em número e extensão total de acordo com o tamanho da tribo, são agrupadas em pequenas seções tribais e estas, em seções maiores. Nas tribos maiores, convém distinguir entre seções tribais primárias, secundárias e terciárias. Tais seções, qualquer que seja o tamanho, são tratadas, como as aldeias, de "cieng". Já que o capítulo seguinte será dedicado a tais segmentos tribais, não se dirá mais nada aqui sobre eles.

VI

As principais tribos nuer estão na p. 13. O nome "Jagei" colocado a oeste do Niilo inclui uma série de pequenas tribos — lang, bor, rengyan, e wot. Há também algumas tribos pequenas — se é que se pode considerá-las corretamente como tribos, pois foram feitas poucas pesquisas na área — nas vizinhanças dos Nuer Dok: beegh, jaalogh, (gaan) kwac e rol. Um recenseamento grosseiro, compilado de várias fontes governamentais, fornece, em número arredondado, as estimativas mais recentes para as tribos maiores, a seguir:

Nuer do Sobat: gaajak, 42000; gaagwang, 7000; gaajok, 42000; lou, 33000. Nuer do Zeraf: lak, 24000; thiang, 9000; gaawar, 20000. Nuer orientais: bul, 17000; leek, 11000, as três tribos jikany do leste, 11000; as várias tribos jagei, 10000; dok, 12000; nuong, 9000. É provável que esses números sejam mais corretos para os Nuer do leste do que para os Nuer do oeste. As estimativas mostram grandes discrepâncias e tem havido muitas conjecturas. Tomando-se por base as que foram registradas, os Nuer do Sobat são 91000, os do Zeraf, 53000 e os do leste, 70000, totalizando 214000 para todo o território nuer. Conhece-se o montante de apenas alguns segmentos tribais. Entre os Lou, a seção primária dos *gun* chega a uns 22000 e a seção primária dos *mor* a uns 12000; entre os Gaawar, a seção primária dos *radh* atinge 10000 e a seção primária dos *bar*, uns 10000; e entre a tribo lak, a seção primária *kwacbur* totaliza cerca de 12000 e a seção primária dos *Jenyang*, 12000.

Deve-se notar que as tribos da região ocidental do território nuer são em geral menores que as do Zeraf, e as do Zeraf, menores que as do Sobat. A ten-

dência das tribos é aumentar quanto mais se caminha para o leste. Seus territórios também têm tendência para tornar-se mais extensos. Pode-se sugerir que a população maior das tribos orientais nuer seja devida aos efeitos de integração das conquistas e da fixação, e à absorção de grandes números de dinka que resultou delas, mas não achamos que tais explicações justifiquem o fato de eles manterem um aspecto de unidade tribal por áreas tão grandes sem qualquer governo central. É evidente que o tamanho da população da tribo está diretamente relacionado com a extensão de terreno mais elevado disponível a ser ocupado na estação das chuvas, e também com a disposição deste, pois tribos como os Gaajok e Gaajak do leste e os Lou podem apresentar uma concentração de casas e aldeias em amplos trechos de solo elevado, coisa que não é possível para as tribos menores da região oeste da terra nuer, cujos únicos locais para construção são montículos pequenos e muito esparsos. Sustentamos, contudo, que esse fato de per si não iria determinar as linhas de divisão política, linhas que só podem ser compreendidas quando se leva em consideração também a relação entre a localização das aldeias e das reservas de água, pastos e peixes na estação da seca. Observamos anteriormente como as seções tribais mudam-se de suas aldeias para pastos de estiagem, cada uma tendo uma distinção espacial na estação das chuvas que é mantida na seca; mas, enquanto na região oeste da terra dos Nuer há sempre água, pastos e peixes em abundância, geralmente não muito distantes das aldeias, o que possibilita às comunidades de aldeia na estação das chuvas, isoladas pelos trechos alagados, manter em seu isolamento a independência, nos acampamentos da estação seca, nas tribos maiores da região leste da terra nuer (como os Lou), as condições mais secas forçam as maiores concentrações e a movimentos periódicos mais amplos, com o resultado de que as comunidades das aldeias não têm apenas uma maior densidade espacial — e podemos dizer também moral — na estiagem do que nas chuvas, como também têm de misturar-se umas com as outras e partilhar de água, pastos e peixes. Aldeias diferentes podem ser encontradas lado a lado em torno de um reservatório. Além do mais, os habitantes de uma seção têm de atravessar os territórios de outras seções para atingir seus acampamentos, que podem situar-se perto das aldeias de ainda outra seção. É freqüente que as famílias e as famílias reunidas façam acampamento com parentes e afins que pertencem a outras aldeias que não a sua, e é prática comum manter o gado em duas ou mais partes da região a fim de evitar a perda total em caso de peste bovina, que é uma epidemia da estiagem. É compreensível, portanto, que as comunidades locais, que — embora isoladas nas chuvas — são forçadas na seca a relacionamentos que exigem algum sentimento de comunidade e a aceitação de certas obrigações e interesses comuns, estejam confididas numa estrutura tribal comum. Quanto mais severas as condições da estiagem, maior a necessidade de algum tipo de contato e, portanto, de tolerância e reconhecimento da interdependência. As tribos do Zeraf mudam-se menos do que as tribos do Sobat e mais do que as tribos nuer do oeste, sendo que os Gaawar mudam-se mais do que os Thiang e os Lak. Podemos novamente apontar que, em linhas gerais, onde há bastante solo elevado que permita concentração nas chuvas, igualmente é maior a necessidade de concentrações grandes na estação da seca, já que água, peixes e pastos são encontrados distantes dessas áreas elevadas.

Esses fatos parecem explicar até certo ponto a preponderância política dos povos pastoris na África Oriental. Pode ser que haja uma vasta dispersão de comunidades e baixa densidade de população, mas ocorre uma contração periódica e ampla interdependência. A variação em seus circuitos de transumância também nos ajuda a entender a variação no tamanho das tribos nuer. Pode-se notar que, embora o tamanho e a coesão das tribos variem nas diferentes regiões da terra dos Nuer, em parte alguma as condições do meio ambiente permitem completa autonomia e exclusividade dos pequenos grupos das aldeias (como encontramos entre os Anuak) ou uma alta densidade de população e instituições políticas desenvolvidas (como encontramos entre os Shilluk).

Assim, por um lado, as condições do meio ambiente e os objetivos pastoris são a causa dos modos de distribuição e concentração que fornecem as

linhas de divisão política e são contrários à coesão e desenvolvimento político; mas, por outro lado, tornam necessário extensas áreas tribais dentro das quais existe um sentimento de comunidade e uma disposição de cooperar.

Cada tribo possui um nome que tanto se refere a seus membros, quanto à região que ocupa (*rol*); por exemplo, leek, gaawar, lou, lak, etc. (ver mapa na p. 13). Cada uma tem seu território particular e possui e defende seus próprios locais de construção, seus pastos, reservas de água e reservatórios de peixes. Grandes rios ou amplos trechos de terras devolutas não apenas dividem, em geral, seções adjacentes de tribos contíguas, mas essas seções tendem a movimentar-se em direções opostas na seca. Não há dúvida de que as condições estão se modificando a esse respeito, mas podemos citar como exemplos a tribo gaawar que tende a movimentar-se para leste, em direção ao Zeraf, e não a entrar em contato com a seção primária *gun* da tribo lou, que se agrupa em torno de seus lagos interiores ou muda-se para o Sobat e o Pibor; a seção tribal *mor* dos Lou, que se movimenta para o Nyanding e Alto Pibor, na direção dos Gaajok, não se juntam a eles, mas mudam-se para os braços superiores do Sobat e os braços inferiores do Pibor; e os Jikany ocidentais que se movimentam em direção aos pântanos do Nilo, enquanto que os Leek movimentam-se para oeste, para a junção do Bahr el Ghazal com seus riachos e lagoas.

Os membros de uma tribo têm um sentimento comum para com sua região e, portanto, para com os demais membros. Esse sentimento evidencia-se no orgulho com que falam de sua tribo enquanto objeto de sua lealdade, na depreciação jocosa de outras tribos e na indicação de variações culturais em sua própria tribo como símbolos de sua singularidade. Um homem de uma tribo vê os habitantes de outra como um grupo indiferenciado, para o qual ele tem um padrão indiferenciado de comportamento, enquanto vê a si mesmo como membro de um segmento de sua própria tribo. Assim, quando um leek diz que fulano é um *nac* (*rengyan*), ele define imediatamente seu relacionamento com este. O sentimento tribal baseia-se tanto na oposição às outras tribos, como no nome comum, no território comum, na ação conjunta na guerra, e na estrutura comum de linhagem de um clã dominante.

A força do sentimento tribal pode ser constatada pelo fato de que, algumas vezes, os homens que pretendem deixar a tribo onde nasceram para estabelecer-se permanentemente em outra tribo levam consigo um pouco da terra de sua região natal e a bebem numa solução de água, acrescentando devagar, a cada dose, uma quantidade maior da terra de sua nova região, rompendo, assim, os laços místicos com a antiga e construindo laços místicos com a nova. Disse-me que, se um homem deixar de

fazer isso, poderá vir a morrer de *nueer*, sanção que pune a infração de certas obrigações rituais.

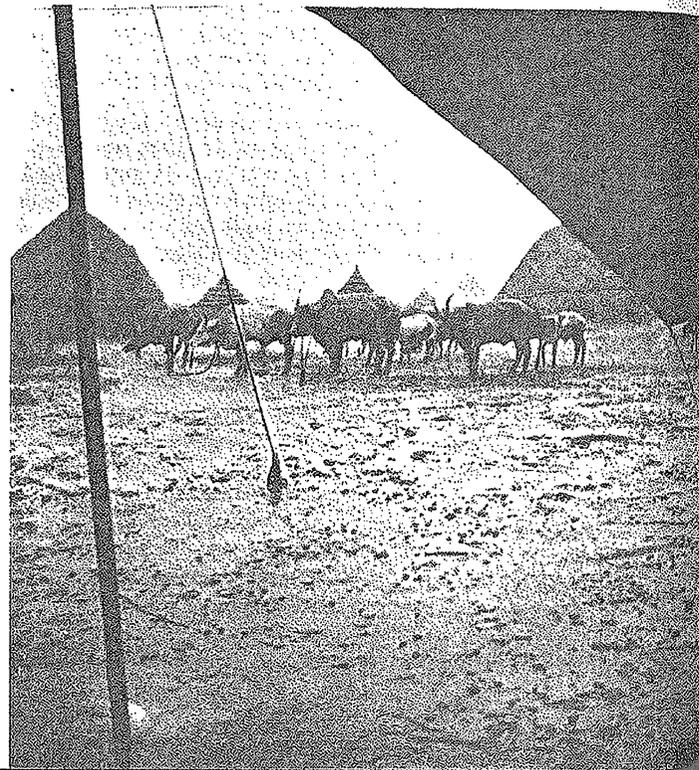
Uma tribo constitui o maior grupo cujos membros consideram como seu dever juntar-se para ataques ou ações defensivas. Os homens mais moços da tribo iam, até faz pouco, em expedições conjuntas contra os Dinka e empreendiam guerras contra outras tribos nuer. As guerras entre tribos eram menos freqüentes do que os ataques contra os Dinka, mas existem muitos exemplos, na recente história nuer, de disputas fronteiriças entre tribos e mesmo de uma tribo atacar a outra tendo em vista o gado; tais lutas são tradicionais entre os Nuer. A tribo leek saqueava as tribos jikany e jagei, e um membro dos Leek disse-me: "O gado com que meu pai casou era gado dos Gee (Jagei)". Poncet comenta: "Os Elliab (*dok*) lutam contra os Egnan (*nuong*), do sul e os Reian (*rengyan*) do norte; os Ror do interior, contra estes últimos e os Bior (*bor*) de Gazal (rio Ghazal). Todas as suas brigas provêm dos pastos, que disputam, o que não impede que uns viajem pelas terras dos outros sem qualquer risco, a menos, contudo, que haja algum parente a ser vingado"³. Em teoria, uma tribo era considerada uma unidade militar, e, se duas seções de tribos diferentes mantinham hostilidades, cada uma podia depender do apoio das demais seções de sua tribo; na prática, porém, muitas vezes elas somente entrariam na luta se o outro lado estivesse recebendo assistência de seções vizinhas. Quando uma tribo unia-se para a guerra, havia uma trégua nas disputas internas dentro de suas fronteiras.

As tribos — especialmente as menores — freqüentemente uniam-se para saquear os estrangeiros. Os Leek uniam-se aos Jagei e Jikany do oeste, e os Lou aos Gaawar para atacar os Dinka; os Lou às tribos jikany do leste para atacar os Anuak, e assim por diante. Essas alianças militares entre tribos, freqüentemente sob a égide de um deus que falava por intermédio de seu profeta (p. 197), eram de curta duração, não havia qualquer obrigação moral para formá-las e, embora a ação fosse harmônica, cada tribo lutava separadamente sob seus próprios líderes e vivia em acampamentos separados dentro da região inimiga.

A luta entre as diferentes tribos nuer era de caráter diverso da luta entre Nuer e Dinka. A luta intertribal era considerada mais feroz e mais perigosa, mas estava sujeita a certas convenções: mulheres e crianças nada sofriam, casas e estábulos não eram destruídos e não se fazia prisioneiros. E, também, os demais Nuer não eram considerados como presa natural, como eram os Dinka.

3. *Op. cit.*, p. 39.

II. XIV

Chuvras
de agosto (Lou).

Outra característica definidora de uma tribo é que, dentro dela, existe *cut*, riqueza paga como ressarcimento de um homicídio, e os Nuer explicam o valor tribal em termos dela. Assim, os membros da tribo lou dizem que, entre eles, existe a indenização de sangue, mas não entre eles e os Gaajok ou os Gaawar; e essa é a definição invariável de lealdade tribal em toda parte da terra nuer. Entre membros de uma tribo há também *ruok*, ressarcimento por danos que não são homicídios, embora a obrigação de pagá-lo seja menos enfatizada ou executada, enquanto que entre uma tribo e outra não se reconhece qualquer obrigação desse gênero. Podemos, portanto, dizer que existe lei — no sentido limitado e relativo definido no Cap. 4 — entre membros de uma tribo, mas não há lei entre tribos. Se alguém comete um crime contra um membro de sua mesma tribo, estabelece entre ele e seus parentes um vínculo legal com aquele membro e os parentes dele, e as relações hostis que se seguem podem ser desfeitas com pagamento de gado. Se alguém comete o mesmo ato contra um homem de outra tribo, não se reconhece qualquer rompimento da lei, não se sente que há qualquer obrigação para dirimir a questão, e não há negociações para concluí-la. As comunidades locais foram classificadas como tribos ou segmentos tribais de acordo com o reconhecimento ou não da obrigação de pagar indenização de sangue. Assim, os *gun* e os *mor* são classificados como segmentos primários da tribo lou, enquanto que os Gaajok do leste, os Gaajak, e os Gaagwang foram classificados como três tribos e não como segmentos primários de uma única tribo jikany.

Pode ter acontecido que casos fronteiriços entre tribos diferentes tenham sido algumas vezes resolvidos com ressarcimentos, mas não tenho qualquer registro dessas negociações a não ser a declaração duvidosa feita na p. 198; e mesmo que tenham ocorrido, de maneira alguma invalidam nossa definição de estrutura tribal. Contudo, deve-se compreender que estamos definindo uma tribo do modo mais formal e que, conforme mostraremos mais adiante, o reconhecimento da responsabilidade legal dentro de uma tribo não significa que, de fato, seja fácil obter ressarcimento pelos danos. Existe pouca solidariedade dentro de uma tribo e as disputas são freqüentes e de longa duração. Com efeito, a disputa é uma instituição característica da organização tribal.

Uma tribo foi definida por: 1. um nome comum e distinto; 2. um sentimento comum; 3. um território comum e distinto dos demais; 4. uma obrigação moral de unir-se para a guerra; e 5. uma obrigação moral de resolver brigas e disputas através de arbitramento. Pode-se acrescentar a esses cinco pontos outras características, que serão discutidas mais adiante; 6. uma tribo é uma estrutura segmentada e há oposição entre seus segmentos;

7. dentro de cada tribo existe um clã dominante e a relação entre a estrutura de linhagem desse clã e o sistema territorial da tribo é de grande importância estrutural; 8. uma tribo constitui uma unidade dentro de um sistema de tribos; e 9. os conjuntos etários são organizados tribalmente.

VII

Tribos adjacentes opõem-se umas às outras e lutam entre si. Algumas vezes elas se juntam contra os Dinka, mas tais combinações constituem federações frouxas e temporárias para uma finalidade específica e não correspondem a qualquer valor político nítido. Ocasionalmente uma tribo permite que uma seção de outra tribo faça acampamento em seu território e pode ser que haja mais contatos entre pessoas de aldeias ou acampamentos fronteiriços de tribos diferentes do que entre comunidades muito distanciadas da mesma tribo. As primeiras podem ter mais contatos sociais; as últimas estão mais próximas estruturalmente. Mas entre as tribos nuer não há organização comum ou administração central e, daí, não há qualquer unidade política a que possamos nos referir como formando uma nação. Não obstante, as tribos adjacentes, e as dinka que se encontram frente a elas, formam sistemas políticos, uma vez que a organização interna das tribos pode ser integralmente compreendida apenas em termos de sua oposição mútua e da oposição comum frente aos Dinka que as ladeiam.

Além desses sistemas de relações políticas diretas, todo o povo nuer se vê como uma comunidade única e sua cultura, como uma cultura única. A oposição aos vizinhos dá aos Nuer uma consciência de grupo e um forte sentimento de serem exclusivos. Sabe-se que alguém é Nuer por sua cultura, que é muito homogênea, especialmente por sua língua, pela falta de seus incisivos inferiores e, se for um homem, por seis cortes no supercílio. Todos os Nuer vivem num território contínuo. Não há seções isoladas. Contudo seu sentimento de comunidade é mais profundo do que o reconhecimento da identidade cultural. Entre Nuer, onde quer que tenham nascido e embora possam ser desconhecidos um do outro, estabelece-se imediatamente relações de amizade quando eles se encontram fora de sua região, pois um Nuer jamais é um estrangeiro para outro Nuer, como o é para um Dinka ou Shilluk. Seu sentimento de superioridade, o desprezo que demonstram a todos os estrangeiros e sua disposição para lutar contra estes constituem um vínculo de comunhão, e a língua e valores comuns permitem pronta comunicação entre si.

Os Nuer são bem conscientes das diferentes divisões de sua terra mesmo que jamais as tenham visitado, e todos eles

encaram a área a oeste do Nilo como sua terra de origem comum, mantendo ainda ocupantes distantes laços de parentesco. As pessoas também fazem viagens para visitar parentes em outras tribos e não raro permanecem longos períodos longe de casa, algumas vezes em tribos diferentes, onde — se ficarem tempo bastante — são incorporadas permanentemente. Um intercâmbio social constante flui através dos limites de tribos adjacentes e une seus membros, especialmente membros das comunidades na fronteira com estrangeiros, por muitos laços de parentesco e afinidade. Se um homem muda de tribo, ele pode de imediato inserir-se no sistema de conjuntos etários da tribo que adotou e muitas vezes ocorre uma coordenação dos conjuntos de tribos adjacentes. Por vezes, um único clã é dominante em mais de uma área tribal, os clãs dominantes são ligados num sistema geral de clãs, e os clãs principais podem ser encontrados em toda parte da terra dos Nuer. Já comentamos que, nos dias do comércio do marfim, os membros da tribo gaajak viajavam através dos territórios de outras tribos, chegando até o Zeraf.

Os limites da tribo não são, portanto, os limites do intercâmbio social, e existem muitos vínculos entre os membros de uma tribo e os membros de uma outra. Por meio da associação ao sistema de clãs e pela proximidade, os membros de uma tribo podem considerar-se mais próximos de uma segunda do que de uma terceira. Assim, as três tribos jikany do leste sentem uma vaga unidade em relação aos Lou, bem como o fazem os Bor e Rengyan em relação aos Leek. Mas, indivíduos também — e através de grupos de parentesco individuais e mesmo de uma aldeia — possuem um círculo de relacionamentos sociais que ultrapassa as divisões tribais, de modo que um viajante que cruza os limites de sua tribo pode sempre estabelecer alguma ligação com indivíduos da tribo que visita, em razão da qual ele receberá hospitalidade e proteção. Se ele sofre algum dano, seu anfitrião — e não ele mesmo — envolve-se na ação legal. Contudo, existe uma espécie de lei internacional no reconhecimento de convenções sobre determinados assuntos, além das fronteiras políticas e dos limites da lei formal. Assim, embora se considere mais arriscado contrair matrimônio fora da tribo do que dentro dela (já que o divórcio pode ser mais prejudicial, sendo menos certa a devolução da riqueza presenteada no casamento), as regras do matrimônio são reconhecidas em ambos os lados e não se considera correto tirar vantagem da divisão política para rompê-las. As tribos são, dessa maneira, grupos exclusivos politicamente, mas não correspondem exatamente à esfera de relações sociais de um indivíduo, embora essa esfera tenda a seguir as linhas da divisão política, da mesma forma como o distrito de uma pessoa tende a igualar-se a seu segmento tribal. A relação entre estrutura política e relações sociais gerais será discutida nos capítulos que seguem. Aqui podemos notar que é aconse-

Inhável distinguir entre: 1. distância política no sentido de distância estrutural entre segmentos de uma tribo, (a maior unidade política) e entre tribos dentro de um sistema de relações políticas; 2. distância estrutural geral no sentido de uma distância não política entre vários grupos sociais na comunidade que fala a língua nuer — as relações estruturais não políticas são mais fortes entre tribos adjacentes, mas uma estrutura social comum abrange toda a terra nuer; e 3. a esfera social de um indivíduo, sendo seu círculo de contatos sociais de um tipo ou de outro com outro nuer.

VIII

A estrutura política dos Nuer somente pode ser compreendida quando é colocada em relação a de seus vizinhos, com quem formam um único sistema político. Tribos nuer e dinka contíguas são segmentos dentro de uma estrutura comum, tanto quanto o são os segmentos de uma mesma tribo nuer. Seu relacionamento social é de hostilidade, que encontra sua expressão na guerra.

O povo dinka é o inimigo imemorial do Nuer. Assemelham-se na ecologia, cultura e sistemas sociais, de tal modo que os indivíduos pertencentes a um dos povos são facilmente assimilados pelo outro; e, quando a oposição de equilíbrio entre um segmento político nuer e um segmento político dinka se transforma num relacionamento onde o segmento nuer torna-se totalmente dominante, resulta uma fusão e não uma estrutura de classes.

Até onde chegam a história e a tradição, e nos horizontes do mito até onde este alcança, sempre tem havido inimizade entre os dois povos. Quase sempre os Nuer têm sido os agressores, e eles encaram pilhar os Dinka como um estado normal de coisas e como um dever, pois têm um mito, como o de Esaú e Jacó, que explica e justifica esse fato. Nesse mito, o Nuer e o Dinka são representados como dois filhos de Deus, que prometeu dar ao Dinka sua velha vaca e ao Nuer, o jovem bezerro. O Dinka veio de noite ao estábulo de Deus e, imitando a voz do Nuer, conseguiu o bezerro. Quando Deus descobriu que tinha sido enganado, ficou zangado, e encarregou o Nuer de vingar a injúria pilhando o gado do Dinka até o final dos tempos. Essa história, familiar a todo Nuer, é não somente um reflexo das relações políticas entre os dois povos, como também um comentário sobre os caracteres dos mesmos. Os Nuer atacam por causa do gado e o tomam abertamente e pela força das armas. Os Dinka roubam o gado ou o tomam por meio de trapaças. Todos os Nuer consideram os Dinka — e com razão — como ladrões, e até mesmo os Dinka parecem aceitar a censura, se é que atri-

buímos o significado correto à declaração feita a K.C.P. Struvé, em 1907, pelo guardião dinka do templo de Deng Dit em Luang Deng. Depois de contar o mito da vaca e do bezerro, ele acrescentou: "E até hoje o Dinka tem vivido sempre roubando, e o Nuer, guerreando"⁴.

Lutar, como criar gado, é uma das principais atividades e um dos interesses dominantes de todos os homens nuer, e atacar os Dinka por causa de gado é um dos passatempos prediletos. Com efeito, o termo *jaang*, ou seja, Dinka, por vezes é empregado com referência a qualquer tribo que os Nuer normalmente saqueiem e onde façam prisioneiros. Os meninos aguardam com expectativa o dia em que poderão acompanhar os mais velhos nesses ataques contra os Dinka, e, logo que os rapazes são iniciados, começam a planejar um ataque para ficar ricos e para firmar sua reputação como guerreiros. Toda tribo nuer saqueava os Dinka a cada dois ou três anos, e alguma parte da terra dinka deve ter sido saqueada anualmente. Os Nuer nutrem desprezo pelos Dinka e ridicularizam suas qualidades bélicas, dizendo que eles demonstram tão pouca habilidade quanto coragem. *Kur jaang*, lutar com os Dinka, é considerado um teste de valor tão superficial que não se acha necessário levar escudos durante um ataque ou prestar qualquer atenção a possibilidade de insucesso, e é feito um contraste com os perigos de *kur Nath*, lutar entre os próprios Nuer. Esses alardes são justificados tanto pela bravura inabalável dos Nuer, quanto por seus sucessos militares.

Os primeiros viajantes registram que os Nuer ocupavam ambas as margens do Nilo, mas é provável que toda a ilha Zeraf tenha sido num tempo ocupada pelos Dinka e é certo que toda a região que vai do Zeraf ao Pibor e, ao norte do Sobat, desde os confins da terra dos Shilluk até a escarpa etíope (excetuando-se povoados Anuak nas margens de rios), ainda estava em mãos destes até meados do século passado quando foi tomada pelos Nuer em duas linhas de expansão, ao norte e ao sul do Sobat. Sabe-se disso por meio de afirmações tanto dos Nuer quanto dos Dinka, pelas provas fornecidas pelas genealogias e conjuntos etários e pelos registros dos viajantes, que freqüentemente fazem referências à luta entre os dois povos, à posição dominante dos Nuer em meio a seus vizinhos, à admiração que inspiravam, a sua bravura e cavalheirismo⁵. A conquista, que parece ter resultado na absorção e miscigenação, mais do que na exterminação, foi tão rápida e tão bem sucedida que toda essa

4. *Sudan Intelligence Report*, n. 152, 1907.

5. WERNE, *op. cit.*, p. 163; ABD-EL-HAMID, *op. cit.*, pp. 82-3; PHILIPPE TERRANUOVA D'ANTONIO, "Relation d'un voyage au Fleuve Blanc", *Nouvelles annales des voyages*, Paris, 1859. LEJEAN, *op. cit.*, p. 232; PONCET, *op. cit.*, pp. 18, 26, 39, 41-2 e 44; PETHERICK, *op. cit.*, v. II, p. 6; HEUGLIN, *Reise in das Gebiet des Weissen Nil und seiner westlichen Zuflüsse in den Jahren 1862-1864*, 1869, p. 104. GEORG SCHWEINFURTH, *The Heart of Africa* (tradução inglesa), 1873, v. I, pp. 118-19; GAETANO CASATI, *Ten Years in Equatoria and the Return with Emin Pasha* (tradução inglesa), 1891, v.

vasta área é hoje ocupada pelos Nuer, excetuando-se uns poucos bolsões de dinka no Sobat, Filus e Atar. Além dessas unidades independentes, há muitas comunidades locais nuer na região oriental que reconhecem ter ascendência dinka, e pequenas linhagens de origem dinka podem ser encontradas em toda aldeia e acampamento. Algumas tribos dinka refugiaram-se com compatriotas ao sul, onde os Gaawar e os Lou continuaram a saqueá-los. Da mesma forma, os Nuer do oeste persistentemente pilharam todas as tribos dinka que fazem fronteira com eles, particularmente as do sul e oeste, obtendo uma ascendência moral sobre eles e forçando-os a recuar mais para longe de suas fronteiras. A oeste do Nilo, como a leste, os prisioneiros dinka eram assimilados e há muitas pequenas linhagens de descendentes dinka em toda tribo, e não raro elas preponderam nas comunidades locais. De todos os Dinka, somente os Ngok, a sul do Sobat, foram deixados em paz, provavelmente em razão de sua pobreza em gado e pastagens, embora sua imunidade tenha uma sanção mitológica. Parece também que os Atwot não eram considerados presa tão legítima quanto os Dinka em razão de sua origem nuer e é provável que tenham sido incomodados raras vezes, já que estão situados em locais remotos.

A estação favorita para saquear os Dinka era no final das chuvas, embora estes também sofressem invasões no começo delas. Membros da tribo leek disseram-me que, quando atacavam os Dinka do sudoeste, eles costumavam dormir a primeira noite perto das aldeias da tribo wot e a segunda, no mato. Eles não levavam alimentos e comiam somente os peixes que conseguiam pegar às pressas no canincho, viajando a toda velocidade durante o dia e parte da noite. No terceiro dia, de madrugada, eles atacavam as aldeias ou acampamentos dinka. Os Dinka raras vezes opunham resistência, mas soltavam o gado e tentavam levá-lo para longe. Ninguém tomava o gado até que o inimigo estivesse dispersado. Então cada um tomava aquilo que podia, muitas vezes nem se dando ao trabalho de amarrar suas presas, mas apenas fazendo um talho em seus quadris em sinal de posse. Depois, os animais eram amarrados no *kraal* do inimigo, sendo os bois abatidos principalmente para serem consumidos. Se os Dinka conseguissem reforços e voltassem para lutar, deparavam com uma completa formação de batalha. Os Nuer lutam em três divisões, separadas por duzentos ou trezentos metros, e, se uma divisão está combatendo, as outras avançam ou recuam paralelamente a ela, segundo as fortunas da guerra. Um grupo de batedores situa-se à frente da divisão central, e avança contra o inimigo, atira suas lanças e recua até o corpo principal.

Os atacantes ficavam várias semanas na terra dos Dinka e algumas vezes ficavam lá por toda a estação da seca, alimentando-se do leite e da carne do gado capturado, dos cereais pilhados e de peixes. Usando um *kraal* capturado como base, eles estendiam seu ataque contra acampamentos distantes. Parece que as migrações nuer foram conduzidas ao longo dessas linhas, os atacantes fixando-se permanentemente na região dinka e, através de saques sistemáticos, forçando os habitantes a se retirarem cada vez mais para longe dos pontos de ocupação. Na estação seguinte, uma nova série de ataques era iniciada e o processo repetia-se até que os Dinka se viam forçados a procurar refúgio com seus parentes de outras tribos, abandonando a região aos invasores. Se não se cogitava de fixação definitiva, contudo, os atacantes voltavam para casa quando pensavam ter presas suficientes.

I. pp. 39; ROMOLO GESSI PASHA, *Seven Years in the Soudan* (tradução inglesa), 1892, p. 57. Os mapas feitos pelos viajantes com a intenção de mostrar as posições ocupadas pelos povos desta área são um tanto vagos e não coincidem inteiramente. O leitor pode consultar os de MARNO, *op. cit.*, PONCET, *op. cit.*, HEUGLIN, *op. cit.*, o mapa compilado por Lejean a partir de informações fornecidas pelos irmãos PONCET no *Bulletin de la Société de Géographie* (Paris), 1860; os mapas preparados por V. A. MALTE-BRUN em *Nouvelles annales des voyages*, 1855 e 1863, e outros do mesmo período.

Antes que o acampamento se desfizesse, realizavam uma prática altamente indicativa do sentimento nuer de igualdade e justiça. Reconhecia-se que toda a força era responsável conjuntamente pelo sucesso da expedição e ocorria, portanto, uma redistribuição das pilhagens. O profeta, cujas revelações sancionavam o ataque, fazia primeiro um giro pelo acampamento e selecionava, de cada casa, uma vaca para o espírito divino que ele era o porta-voz. Nessa ocasião, uma casa podia possuir umas cinquenta cabeças de gado, de modo que não constituía um sacrifício dar uma delas ao espírito. Ocorria, então, uma confusão geral, e todos corriam para o gado a fim de marcar seus animais. Um homem que pudesse pegar primeiro um animal, amarrá-lo e cortar sua orelha tinha direitos absolutos sobre ele. O homem que capturava originalmente uma vaca tinha a vantagem de que ela ficava amarrada perto de seu abrigo contra o vento, mas se ele e membros de seu agrupamento doméstico estivessem com uma parcela indevida do saque, eles não podiam marcar todos os animais antes que outros os tomassem. Como seria de se esperar, freqüentemente os homens saíam feridos dessa confusão, pois, se dois homens pegassem a mesma vaca, eles lutariam com clavas pela posse dela. Não se devia empregar a lança nessas ocasiões. Homens de acampamentos vizinhos tomavam parte na redistribuição uns dos outros, e deve ter havido muita confusão. Prisioneiros, mulheres em idade de casar, meninos e meninas não eram redistribuídos, mas pertenciam a seu captor original. Mulheres mais velhas e bebês eram mortos a pauladas e, quando o ataque era contra uma aldeia, seus corpos eram jogados nas choupanas e estábulos em chamas. Os prisioneiros eram colocados no centro do acampamento, algumas vezes sendo as mulheres amarradas de noite para que não fugissem. Relações sexuais são tabu durante um ataque. E nem os Nuer podem comer junto com um prisioneiro. Um menino cativo não pode mesmo apanhar água para que eles bebam. Somente depois que um boi tenha sido sacrificado em honra dos deuses, depois da volta para casa, e que eles tenham sido informados da entrada de estrangeiros em suas moradias, é que os Nuer podem manter relações sexuais com os cativos ou comer junto com eles.

Na seção seguinte, descrevemos outros contatos com estrangeiros, mas até a conquista européia, as únicas relações estrangeiras que se pode dizer terem sido expressas por guerras constantes eram as com as várias tribos dinka que fazem fronteira com a terra dos Nuer. Não as enumeramos, pois seus nomes são irrelevantes. A luta entre os dois povos tem sido incessante desde tempos imemoriais e parece ter atingido um estágio de equilíbrio antes que a conquista européia o perturbasse. (O mapa de Malte-Brun comparado com mapas modernos sugere que as posições tribais não se alteraram muito desde 1860.) Na primeira parte do período histórico, de aproximadamente 1840 até fins do século, os Nuer parecem ter-se expandido à procura de novas pastagens, porém continuaram pilhando gado, ação agressiva que atribuímos às relações estruturais entre os dois povos, mas que sem dúvida foi intensificada pela peste bovina.

Embora as relações dos Dinka com os Nuer sejam extremamente hostis e a guerra entre eles possa ser chamada de instituição estabelecida, eles ocasionalmente chegaram a unir-se para guerrear contra o governo egípcio e algumas vezes houve reuniões sociais conjuntas. Nas épocas de fome, muitas vezes os Dinka vieram residir na terra dos Nuer e foram prontamente

ções de hostilidade com eles e mais facilmente fundem-se a eles. A diferenciação cultural está fortemente influenciada pelas divergências ecológicas, particularmente pelo grau em que povos vizinhos são pastoris, o que depende dos solos, reservas de água, insetos e assim por diante. Mas é também, numa extensão considerável, independente de circunstâncias ecológicas, sendo autônoma e histórica. Pode-se sustentar que a semelhança cultural entre Dinka e Nuer pode determinar amplamente suas relações estruturais; da mesma forma, também, como as relações entre os Nuer e outros povos são amplamente determinadas por sua diferença cultural cada vez maior. A clivagem cultural é menor entre os Nuer e os Dinka; torna-se mais ampla entre os Nuer e os povos que falam shilluk; e é mais ampla entre os Nuer e povos como os Koma, Burun e Bongo-Mittu.

Os Nuer guerreiam contra um povo que possui uma cultura parecida com a sua, mais do que entre si ou contra povos com culturas muito diferentes da sua. As relações entre estrutura social e cultura são obscuras, mas pode muito bem ser que, se os Nuer não tivessem podido expandir-se às custas dos Dinka e pilhá-los, eles se teriam demonstrado mais antagônicos quanto a pessoas de sua mesma origem, e as mudanças estruturais que daí resultassem teriam levado a uma maior heterogeneidade cultural na terra nuer do que a que existe atualmente. Isso pode não passar de mera conjectura, mas podemos dizer ao menos que a vizinhança de um povo parecido, possuidor de grandes rebanhos a serem pilhados, pode ter tido o efeito de dirigir os impulsos agressivos dos Nuer para outros que não seus compatriotas. As tendências predatórias, que os Nuer partilham com outros nômades, encontram uma pronta válvula de escape contra os Dinka, e isso pode explicar não apenas as poucas guerras entre tribos nuer, como também, conseqüentemente, ser uma das explicações do notável tamanho de muitas tribos nuer, pois elas não poderiam manter a unidade que possuem se suas seções ficassem saqueando-se umas às outras com a mesma persistência com que atacam os Dinka.

IX

Os Nuer tiveram poucos contatos com os Shilluk, estando isolados deles, na maioria das regiões, por um segmento dos Dinka; e onde existe uma fronteira comum, a guerra parece ter-se limitado a incidentes envolvendo apenas acampamentos fronteiriços. O poderoso reino shilluk, bem organizado e abrangendo mais de cem mil pessoas, não poderia ter sido saqueado com a mesma impunidade das tribos Dinka, mas a razão característica que os Nuer dão para não atacá-lo é outra: "Eles não têm gado. Os Nuer só atacam povos que possuem gado. Se eles tivessem gado, nós os atacaríamos e pilharíamos seu gado, pois eles não sabem lutar como nós lutamos". Não existe inimizade real ou mitológica entre os dois povos.

Os Anuak, que também pertencem ao grupo shilluk-luo, confrontam os Nuer a sudeste. Embora hoje sejam quase que inteiramente hortícolas, no passado possuíam gado e, na opinião dos Nuer, sua terra tem pastos melhores do que a terra dos Shilluk. Foi tomada pelos Nuer há mais de meio século, até o sopé da escarpa etíope, mas foi prontamente abandonada, provavelmente por causa da tsé-tsé, pois os Anuak ofereceram pouca resistência. Os Nuer continuaram a saqueá-los até faz trinta anos, quando os Anuak conseguiram obter rifles da Abissínia e puderam resistir melhor e mesmo tomar a ofensiva. Apesar de dois revezes, eles finalmente conseguiram penetrar na região dos Lou, onde provocaram pesadas perdas e capturaram muitas crianças e gado, feito que trouxe as forças governamentais abaixo do Pibor, encerrando assim as hostilidades. Muitas evidências mostram que houve uma época em que os Anuak estendiam-se muito mais a oeste do que sua distribuição atual e que foram expulsos desses lugares, ou assimilados, pelos Nuer.

Os demais povos com que os Nuer têm contato podem ser mencionados com muita brevidade, já que suas inter-relações possuem pouca importância política. Outro povo vizinho do sudeste é o Beir (Murle). Até onde sei, os Nuer não os atacavam com frequência e aqueles poucos que os conhecem, respeitamos-nos como dedicados criadores de gado. A nordeste da terra dos Nuer, os Gaajak têm tido, por várias décadas, relações com os Galla da Etiópia. Parece que tais relações são pacíficas e que houve uma determinada quantidade de trocas entre os dois povos. A falta de atrito pode ser atribuída notadamente ao corredor da morte que os separa, pois quando os Galla descem de seu planalto rapidamente sucumbem à malária, enquanto que qualquer tentativa por parte dos Nuer para caminhar em direção ao leste é derrotada pelo cinturão de tsé-tsé que circunda os sopés das montanhas. Os Gaajak atacavam os Burun e os Koma (ambos frequentemente mencionados de modo impreciso como "burum") para fazer prisioneiros, e estes eram em número muito pequeno e por demais desorganizados para resistir ou retaliar. A noroeste, as tribos jikany, leek e bul ocasionalmente saqueavam os árabes e as comunidades das montanhas Nuba; e, a julgar por uma afirmação feita por Jules Poncet, o problema referente a água e pastagens na estação da seca que ocorre hoje entre Nuer e árabes existe há muito tempo⁶.

Os escravagistas e mercadores de marfim árabes, que provocaram tanta miséria e destruição entre os povos do Sudão meridional depois da conquista do Sudão setentrional por Muhammad Ali em 1821, incomodaram muito pouco os Nuer. Algumas vezes eles atacaram aldeias de beira de rio, mas não conheço qualquer registro de que tenham penetrado muito pelo interior, e parece que foram apenas as seções mais acessíveis das tribos do rio Zeraf que sofreram algum dano com suas depredações. Não creio que em parte alguma os Nuer tenham sido profundamente afetados pelo contato árabe⁷. O governo egípcio e, mais tarde, o governo mahdista, que supostamente controlaram o Sudão desde 1821 até o final do século, de modo algum administraram os Nuer ou exerceram qualquer controle sobre eles a partir dos postos que estabeleceram à beira dos rios nos confins de sua terra. Algumas vezes os Nuer saqueavam esses postos e outras vezes eram saqueados a partir deles⁸, mas, em linhas gerais, pode-se dizer que eles prosseguiram em suas vidas não os levando em consideração.

Essa não-consideração continuou depois da reconquista do Sudão pelas forças anglo-egípcias e do estabelecimento de uma nova administração. Os Nuer

6. PONCET, *op. cit.*, p. 25.

7. Vejo-me impossibilitado de aceitar as afirmações de CASATI sobre o caso (*op. cit.*, v. I, p. 38), mas considero que se deve dar mais crédito à opinião de outras autoridades. Ver a carta de Romolo Gessi ao editor de *Esploratore*, em 1880 (*op. cit.*, p. xx), e o relatório de Lejean feito em Kartum em 1860 (*op. cit.*, p. 215).

8. Ver, por exemplo, CASATI, *op. cit.*, p. 221.

foram o último povo importante a ser controlado, e a administração de sua região não pode ser chamada de muito eficiente senão a partir de 1928, sendo que antes desse ano o governo consistia em patrulhas ocasionais que apenas conseguiam aliená-los mais ainda. A natureza da região tornava difíceis as comunicações e impedia o estabelecimento de postos na própria terra nuer, e os Nuer não mostravam desejar entrar em contato com os postos situados na periferia. Exercia-se pouco controle e era impossível fazer com que as decisões fossem cumpridas⁹. Outra dificuldade era a ausência de Nuer que tivessem viajado por regiões estrangeiras e falassem árabe, pois seu lugar como intérpretes e outros cargos em geral era tomado pelos Dinka e Anuak, dos quais os Nuer desconfiavam, e com razão, e contra os quais apresentavam toda sorte de queixas.

A truculência e desprendimento que os Nuer exibem estão conformes a sua cultura, organização social e caráter. A auto-suficiência e simplicidade de sua cultura e a fixação de seus interesses nos rebanhos explica por que eles não quiseram, nem estavam dispostos a aceitar inovações européias e por que rejeitaram uma paz com a qual tinham tudo a perder. Sua estrutura política dependia, para sua forma e persistência, de antagonismos equilibrados que somente podiam ser expressos na guerra contra os vizinhos se a estrutura era para ser mantida. O reconhecimento da luta, enquanto valor capital, o orgulho nas realizações do passado e um profundo senso de sua igualdade comum e sua superioridade em relação a outros povos tornaram impossível para eles aceitar de boa vontade a dominação, que até então jamais tinham experimentado. Se se tivesse sabido mais a respeito deles, poder-se-ia ter instituído uma política diferente antes e com menos prejuízos¹⁰.

Em 1920, foram feitas operações militares de grande escala, incluindo bombardeios e metralhamentos de acampamentos, contra os Jikany do leste, que causaram muitas mortes e destruição de propriedades. Ocorreram mais patrulhas, de tempos em tempos, mas os Nuer continuaram insubmissos. Em 1927, a tribo nuong matou seu comissário distrital, enquanto que ao mesmo tempo os Lou desafiavam abertamente o governo, e os Gaawar atacavam o posto policial de Duk Faiyuil. De 1928 a 1930, fizeram-se operações prolongadas contra a totalidade da área conturbada e elas marcaram o fim da luta séria entre os Nuer e o governo. A conquista constituiu um golpe severo para os Nuer que, por tanto tempo, tinham saqueado seus vizinhos com impunidade cuja região tinha, em geral, permanecido intacta.

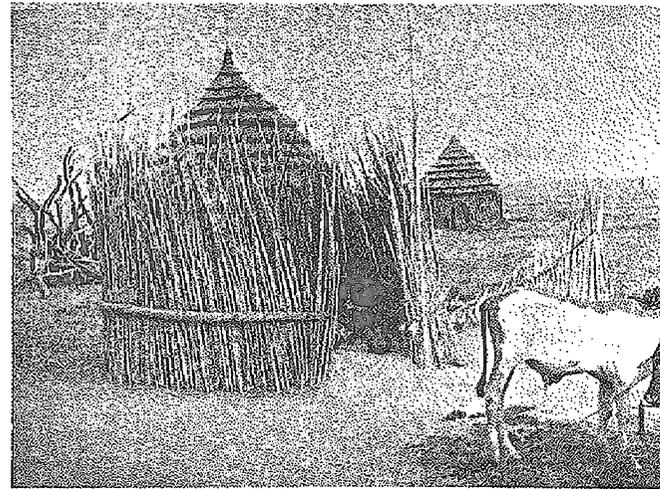
X

Na descrição que fizemos da contagem de tempo nuer, notamos que numa parte do tempo, o sistema de contá-lo é, em sentido amplo, uma transformação em conceitos, em termos de

9. Para uma descrição das condições nessa época, ver *Sudan Intelligence Reports*, especialmente os de KAIMAKAN F.J. MAXSE (n. 61, 1899), Cap. H.H. WILSON (n. 128, 1905) e O'SULLIVAN BEY (n. 187, 1910).

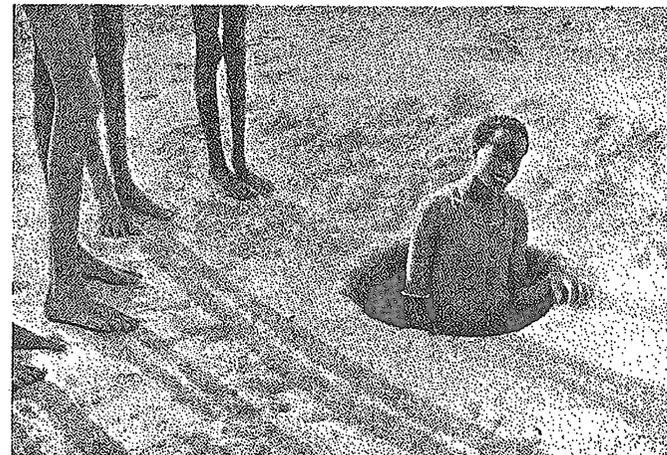
10. Para referências ofensivas sobre os Nuer, ver SIR SAMUEL BAKER, *The Albert N'Yanza*, 1913 (publicado pela primeira vez em 1866), pp. 39-42; Cap. H.H. AUSTIN, *Among Swamps and Giants in Equatorial Africa*, 1902, p. 15; COUNT GLEICHEN, *op. cit.*, 1905, v. I. p. 133; C.W.L. BULPETT, *A Picnic Party in Wildest Africa*, 1907, pp. 22-3 e 35; BIMBASHI CONINGHAM, *Sudan Intelligence Report*, n. 102, 1910; H. LINCOLN TANGYE, *In the Torrid Sudan*, 1910, p. 222; E.S. STEVENS, *My Sudan Year*, 1912, pp. 215 e 256-7; H.C. JACKSON, *op. cit.*, p. 60; *The Story of Fergie Bey. Told by himself and some of his Friends*, 1930, p. 113; e J.G. MILLAIS, *Far away up the Nile*, 1924, pp. 174-5.

II. XV:



a)
Abrigo
contra o vento (Lou)

b) Um poço
no feito do Nyanding (Lou)



relacionamento estrutural das pessoas envolvidas na luta e do seu próprio relacionamento com cada um dos lados.

Precisamos fazer referência a outro importante princípio da estrutura política nuer: quanto menor o grupo local, mais forte o sentimento que une seus membros. O sentimento tribal é mais fraco do que o sentimento num de seus segmentos, e o sentimento num dos segmentos é mais fraco do que o sentimento numa aldeia que faça parte dele. Logicamente, pode-se supor que isso ocorre, pois, se a unidade dentro de um grupo é função de sua oposição a grupos do mesmo tipo, pode-se inferir que o sentimento de unidade dentro de um grupo deve ser mais forte do que o sentimento de unidade dentro de um grupo maior que contenha o primeiro. Mas é também evidente que, quanto menor o grupo, maiores os contatos entre seus membros, mais variados são esses contatos, e mais cooperativos são eles. Num grupo grande como a tribo, os contatos entre os membros são pouco frequentes e a cooperação limita-se a ocasionais incursões militares. Num grupo pequeno como a aldeia, não somente existem contatos diários de habitação, freqüentemente de natureza cooperativa, como também os membros estão unidos por íntimos laços agnáticos, cognáticos e de afinidade, que podem ser expressados na ação recíproca. Os laços tornam-se menos e mais distantes quanto maior for o grupo, e a coesão de um grupo político depende sem dúvida alguma do número e força dos vínculos de tipo não político.

Também deve ser dito que as realidades políticas são confusas e conflitantes. São confusas porque nem sempre, mesmo num contexto político, estão de acordo com os valores políticos, embora tenham tendências a conformar-se a eles, e porque os vínculos sociais de tipo diverso operam no mesmo campo, algumas vezes reforçando e outras indo em sentido contrário a eles. São conflitantes porque os valores que as determinam, devido à relatividade da estrutura política, estão, eles também, em conflito. A coerência das realidades políticas pode ser vista apenas quando o dinamismo e relatividade da estrutura política são compreendidos e quando a relação da estrutura política com outros sistemas sociais é levada em consideração.

4.0 Sistema Político

I

As tribos nuer dividem-se em segmentos. Os segmentos maiores são chamados de seções tribais primárias, e estes dividem-se mais em seções tribais secundárias, que são, por sua vez, segmentadas em seções tribais terciárias. A experiência provou que "primária", "secundária" e "terciária" são suficientes enquanto termos de definição, e, nas tribos menores, provavelmente precisa-se de menos termos. Uma seção tribal terciária compreende várias comunidades de aldeias, que são compostas por grupos domésticos e de parentesco.

Assim, a tribo lou, como se pode ver no diagrama abaixo, está segmentada nas seções primárias *gun* e *mor*. A seção primária *gun* está segmentada nas seções secundárias *rumjok* e *gaatbal*. A seção secundária *gaatbal* está ainda segmentada nas seções terciárias *leng* e *nyarkwac*. Apenas alguns segmentos são mostrados no diagrama, pois a seção *gaaliek* divide-se em *nyaak* e *buth*, a *rumjok* em *falker*, *nyajikany*, *kwacgien*, etc.

TRIBO LOU

Seção primária *mor*

Seção primária *gun*

seção secundária <i>gaaliek</i>	seção secundária <i>rumjok</i>	seção secund. <i>gaatbal</i>
seção secundária <i>jimac</i>	seção terciária <i>leng</i>	
seção secundária <i>jaajoah</i>	seção terciária <i>nyarkwac</i>	

Título do original
*The Nuer - A description of the modes of livelihood and political institutions
of Nilotic people*

© Oxford at the Clarendon Press.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Evans-Pritchard, E. E., 1902-1973.

Os Nuer : uma descrição do modo de subsistência e
das instituições políticas de um povo nilota / E. E.
Evans-Pritchard ; [tradução Ana M. Goldberger
Coelho]. — São Paulo : Perspectiva, 2007. —
(Estudos ; 53 / dirigida por J. Guinsburg)

Título original: The Nuer, a description of the modes
of livelihood and political institutions of a Nilotic people.
3ª reimpr. da 2. ed. de 1999.

Bibliografia.
ISBN 978-85-273-0192-3

1. Etnologia - Sudão 2. Nuer (Povo africano)
3. Povos nilotas I. Guinsburg, J. H. Título. III. Título:
Uma descrição do modo de subsistência e das instituições
políticas de um povo nilota. IV. Série.

05-3813

CDD-305.8965

Índices para catálogo sistemático:
I. Nuer : Etnologia cultural : Povos africanos
305.8965

2ª edição - 3ª reimpressão

Direitos reservados em língua portuguesa à
EDITORA PERSPECTIVA S.A.

Av. Brigadeiro Luís Antônio, 3025
01401-000 - São Paulo - SP - Brasil
Telefax: (0-11) 3885-8388
www.editoraperspectiva.com.br

2007

Sumário

Prefácio	1
Introdução	5
1. Interesse pelo Gado	23
2. Ecologia	61
3. Tempo e Espaço	107
4. O Sistema Político	151
5. O Sistema de Linhagens	201
6. O Sistema de Conjuntos Etários. Resumo.	257
Índices das Ilustrações	277
Índices de Mapas e Figuras	278